SEMANÁRIO DA DIOCESE DE COIMBRA | **DIRETOR:** A. JESUS RAMOS
ANO 103 | N.º **4972** | **25 DE ABRIL DE 2024** | **GRATUITO**

LIVRES, LIBERTADOS E LIBERTADORES

VISITE-NOS EM **WWW.CORREIODECOIMBRA.PT**

DESTAQUES

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE
Seminário Maior de Coimbra
Contr. n.º 500792291
Registo n.º 101917
Depósito Legal n.º 2015/83

DIRETOR
A. Jesus Ramos (T.E. 94)

DIRETOR ADJUNTO
Carlos Neves (T.E. 403 A)

ADMINISTRAÇÃO E EDIÇÃO
Communis Missio
- Instituto Diocesano de Comunicação
Centro Pastoral Diocesano Coimbra
Rua Domingos Vandelli, nº 2
3004-547 Coimbra

REDAÇÃO
Miguel Cotrim (C.P. 3731 A)

GRAFISMO / PAGINAÇÃO
Frederico Martins - fredericomartins.pt

REDAÇÃO
Rua Domingos Vandelli, 2
3004-547 COIMBRA
redacao@correiodecoimbra.pt
Telef. 239 792 344 (Chamada para a rede fixa nacional)

DONATIVOS
assinaturas.jornal@gmail.com

SUPLEMENTO
suplemento@correiodecoimbra.pt

COLABORADORES
Os artigos de opinião são da responsabilidade dos seus autores.
As imagens e textos da secção Suplemento "Igreja Viva" são da responsabilidade dos respetivos colaboradores.

ESTATUTO EDITORIAL
www.correiodecoimbra.pt

Caro leitor,
Participar na sustentabilidade do **Correio de Coimbra** é um modo de promover, na Igreja e na sociedade, uma **voz que referencia** para o nosso tempo e para a nossa cultura os dinamismos do Reino de Deus inaugurado em Jesus de Nazaré.

"Grito vermelho" num campo com arame farpado

PT50 0018 0003 4059 0291 0201 3

Colabore com o seu donativo para o manter e qualificar. **Muito obrigado.**

WWW.CORREIODECOIMBRA.PT

ENFOQUE

CARLOS NEVES

Celebrações que fazem sentido

Celebramos hoje 50 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974. Cada um de nós, dos mais velhos, terá vivas memórias pessoais do Dia e dos tempos que se lhe seguiram, memórias que fomos transmitindo aos mais novos conforme as tonalidades com que as registámos. Por mim, sempre, com tonalidades de festa e de esperança. Esta passagem de memórias foi tão viva que ajudou, de algum modo, a fabular o Dia, a ponto de hoje vermos não poucos jovens a envergar os ideais da Revolução como se tivessem eles próprios estado de G3 na mão no Largo do Carmo, ou tivessem passado os anos mais duros da ditadura amordaçados. Em todo o caso, não é mal! Independentemente dos desvarios e graves riscos políticos que se lhe seguiram por mais de um ano, os ideais de abril têm de ser afirmados sempre com a mesma esperança e voluntarismo com que então os vivemos.

Sublinho a liberdade e a dignidade do trabalho.

A que se resume a história da humanidade, vista de longe, senão às grandes lutas entre os que querem impor a sua força aos outros e esses outros que querem garantir a sua autodeterminação?! O que foram os impérios, o que foi o colonialismo, o que move as guerras atuais?! O que são as ditaduras políticas, o que são as propostas políticas assentes no medo e a paz imposta por força de uma câmara em cada esquina de rua?! Talvez que o maior problema do mundo atual, transversal a todas as latitudes e longitudes, regimes e ideologias, seja o menosprezo pela liberdade em nome da eficácia, a venda do ser em troca do ter, sem se dar conta de que quem vende a liberdade vende com ela tudo o que faz de si próprio um ser verdadeiramente humano. A 50 anos do 25 de abril de 74, esse é também um risco muito presente na sociedade portuguesa. Reafirmar neste contexto os ideais de Abril, e comprometer-se com eles, é verdadeiramente uma urgência.

A história é marcada por desvios – que nalguns casos se tornam permanências – que podem ferir gravemente a liberdade dos cidadãos. Por meio século, até ao 25 de Abril, Portugal estava sob um desses desvios; mas houve um conjunto de homens que arriscaram muito de si mesmos para devolver a liberdade ao povo. Deixemos para outra discussão o 26 de abril; no 25 de abril, que é esse que hoje comemoramos, foram todos corajosos libertadores. Esse exemplo de coragem e de causas tem de ser não só reverenciado, mas transmitido e ensinado. Para haver sonhos de Abril, houve pessoas que lhes deram a oportunidade. Hoje, não precisamos de libertadores políticos. Mas precisámos! E para que não venhamos a precisar no futuro, precisamos de ter e ser, todos os dias, homens e mulheres dessa envergadura.

A liberdade é um bem frágil. Para ser mantida, precisa de ser cuidada, com uma exigência e compromisso que ultrapassa a intervenção dos atores políticos, e tem muito mais a ver com uma cultura que abraça as causas da justiça, da equidade social, das garantias jurídicas, da participação cívica e outros valores nesta linha. Neste sentido, somos todos chamados a ser libertadores. Celebrar o 25 de Abril, depois de ser um ato de agradecimento e antes de ser um ato de reivindicações futuras, terá de ser também um ato de compromisso presente e pessoal.

A dignidade do trabalho tornou-se um dos valores de Abril, certamente porque é um valor fundamental da pessoa e da sociedade, mas também porque a proximidade do 1º de Maio facilitou a associação.

Falar, hoje, do "trabalhador" é falar de uma realidade difusa. Historicamente, o Dia do Trabalhador nasceu estreitamente associado ao mundo do operariado, em oposição ao patronato industrial. Mas ao longo de século e meio, a situação socio-laboral alterou-se tanto que hoje não é mais possível pensar o mundo do trabalho, e dos trabalhadores, nesses termos. Contudo, continua a fazer sentido celebrar o Dia do Trabalhador por razões de dignificação do trabalho, de dignificação do trabalhador e também, infelizmente, por razões de (in)justiça ligada às condições do trabalho e à remuneração dos trabalhadores.

Faz sentido celebrá-lo, desde logo como denúncia das enormes desigualdades criadas na sociedade pela via do trabalho, com pessoas que conseguem proventos escandalosamente altos e outras que precisam de ter dois empregos para fazer face às necessidades básicas da família (prejudicando, com isso, outros bens essenciais para a família e para a sociedade). Faz sentido celebrá-lo como denúncia de uma sociedade em que uma parte da população reivindica cada vez mais insistentemente a semana de quatro dias, e outra parte da população morre no Tejo, trabalhando todos os dias em condições indignas na apanha (ilegal) da amêijoa. (Obrigado ao Bispo de Setúbal, que pôs a boca no trombone com sopro forte para denunciar a situação. É verdade que tem para isso cadinhos facilitadores, desde o título de Cardeal, ao de figura pública de notoriedade. Mas se os cadinhos de um bispo não servem para isso, para que serviriam?!). Estes são só dois exemplos de denúncia necessária, mas poderiam facilmente multiplicar-se.

Pela positiva, faz sentido celebrar o Dia do Trabalhador, porque o trabalho precisa de ser dignificado como "propriedade" que nos faz pessoas, como meio que garante não só a nossa sustentabilidade, mas a nossa alteridade positiva e afirmativa diante de nós próprios e diante dos outros. Dói-me sempre, vivamente, a propalação de ditos que transmitem a ideia de que trabalhar é um pesadelo.

E faz sentido celebrar o Dia do Trabalhador também no sentido social da exigência de que todos trabalhem honesta, profícua e suadamente, para que se possa 'prover ao bem de todos na medida da necessidade de cada um.' Numa sociedade que vive neste preciso momento mergulhada em reivindicações, não é displicente recordar isto. Um país que quer usufruir dos valores de Abril, tem de abraçar o trabalho! Tão simples quanto isto.

ÍNDICE

COMO COLABORAR!

Numa lógica de serviço eclesial e de evangelização, o jornal diocesano Correio de Coimbra passou a ser gratuito na sua nova edição em suporte digital. Comporta, contudo, custos. Se quiser ajudar a Diocese de Coimbra a suportar financeiramente este serviço, poderá fazê-lo junto dos serviços administrativos (Seminário Maior, Casa Nova) ou por transferência bancária para o IBAN:

PT50 0018 0003 4059 0291 0201 3

Titular da conta é a COMMUNIS MISSIO - Instituto Diocesano de Comunicação. Banco: Santander Totta S.A.

Ao fazer transferência bancária, pedimos o favor de nos **enviar o comprovativo** da mesma **para** o email **assinaturas.jornal@gmail.com**, identificando o nome da pessoa/entidade e o NIF.

Desde a última edição, registamos os donativos abaixo discriminados. **Muito obrigado.**

Maria Luísa Faroleiro 50€

O Correio de Coimbra é um serviço gratuito à missão evangelizadora da nossa Diocese. Colabore com o seu donativo para o manter e qualificar. **Muito obrigado.**

DIA DA IGREJA DIOCESANA - 25 DE MAIO

Mobilizar os catequistas e as crianças da catequese

Celebramos no dia 25 de maio, domingo da Santíssima Trindade, o Dia da Igreja Diocesana. O Vigário Episcopal para a Pastoral, Pe. Manuel Carvalheiro, endereçou na última semana uma comunicação aos párocos e diáconos, pedindo-lhes "que se envolvam pessoalmente neste assunto com dedicação e interesse", "desafiando os catequistas a organizarem-se com os pais".

Na verdade, o Dia da Igreja Diocesana coincide com a I Jornada Mundial das Crianças. Esta jornada será em Roma, mas o Papa Francisco pediu que fosse também assinalada nas igrejas locais.

Assim, a celebração do Dia da Igreja Diocesana, sendo de toda a Igreja, vai ser um encontro especialmente voltado para as crianças. Por isso, "o grande desafio é mobilizar os catequistas e as crianças da catequese que gostaríamos de ter nesta primeira jornada", refere o Pe. Manuel Carvalheiro.

O Encontro diocesano será das 14h30 às 17h30, na Expocentro de Pombal, que oferece boas condições logísticas e fáceis acessos. Estão a ser preparadas "algumas atividades lúdicas e de animação para que seja uma tarde inesquecível".

A Eucaristia, presidida pelo senhor Bispo, às 16h30, será também um momento visível da inteira comunidade diocesana, formada por cristãos de todas as idades reunidos em torno do seu bispo.

PASTORAL FAMILIAR

Todas as grávidas são convidadas a receber a bênção de Deus

O Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar promove no dia 4 de maio, pelas 18h, na Sé Nova de Coimbra, uma vigília de oração com a Bênção das Grávidas. Todas as grávidas são convidadas a participar, agradecendo a Deus o dom da vida e pedindo-Lhe as bênção para si, suas famílias e seus bebés.

A celebração complementa aquela que sempre tem sido feita no início do Advento, possibilitando assim a participação neste ato a todas as futuras mães.

---

26 maio 2024
Expocentro - Pombal

Dia da Igreja Diocesana

1ª Jornada Mundial das Crianças

«Eis que faço novas todas as coisas»
Ap 21,5

Programa

14h30 Acolhimento

14h45 Atividades, música e animação

16h30 Missa [D. Virgílio Antunes]

Jornada dirigida especialmente às crianças da catequese!

Por vontade do Papa Francisco, a primeira edição da Jornada Mundial das Crianças realiza-se em Roma, nos dias 25 e 26 de maio, e será celebrada também a nível local, em cada diocese.

"Característica das crianças é a sua novidade explosiva [...]; as crianças são o mais belo e vivo comentário, escrito em carne, sangue e espírito, sobre a passagem do Apocalipse "Eis que faço novas todas as coisas." (Cardeal Tolentino)

JORNADA MUNDIAL DAS CRIANÇAS
2024

60 ANOS COM O COLÉGIO SÃO TEOTÓNIO

Bispo de Coimbra desafia alunos a abrirem as portas do coração a Jesus Cristo

O Colégio de São Teotónio assinalou esta semana o seu 60º. aniversário com diversas iniciativas culturais e religiosas. O ponto alto das comemorações foi a missa de ação de graças, no dia 23 de abril, na igreja de Santa Cruz, junto do seu patrono, presidida pelo Bispo de Coimbra, D. Virgílio do Nascimento Antunes, e concelebrada pelos padres Manuel Carvalheiro, Presidente do Conselho de Administração do Colégio; Manuel Ferrão, Vigário Geral; Sertório Baptista, pároco de Santa Cruz; e Filipe Diniz, colaborador nesta paróquia. A igreja foi pequena para acolher uma comunidade tão diversificada, que vai desde o pré-escolar ao 12.º ano. São 60 anos de vida, de ação, de ensino, de educação, por onde passaram diversas gerações. E foi isso mesmo que D. Virgílio Antunes acabou por evidenciar na introdução deste momento litúrgico e muito significativo para os atuais e antigos alunos desta instituição. "São muitas as gerações e agora é a vossa geração, aquela que está no ativo, que está a receber os dons de Deus, que está a procurar crescer, a preparar-se para a vida, a viver já, de forma efetiva o dom que recebeu. Penso que temos todos uma gratidão a Deus por tudo aquilo que tem sido o Colégio e ao mesmo tempo todos queremos rezar por aqueles que foram os seus alunos, os seus professores, os seus colaboradores, e aqueles que hoje estão ainda na vida noutros lugares e circunstâncias, mas também aqueles que estão no eterno descanso, junto de Deus, os que já faleceram. Abri as portas a Cristo é a grande palavra que temos sempre diante de nós e que procura mover a totalidade da nossa vida. Escancarar o coração ao amor de Deus. É esse o projeto da nossa vida e também o projeto do nosso Colégio!", afirmou o prelado em jeito de desafio aos jovens presentes.

Já na sua homilia, D. Virgílio Antunes disse que o facto de ter sido escolhida a igreja de Santa Cruz para esta tão importante celebração foi uma "ideia muito feliz", porque foi aqui que estudou e viveu grande parte da sua vida o padroeiro do Colégio. "Aqui é que é a grande casa de S. Teotónio", sublinhou, perante muitos olhares atentos sobre uma lição da vida do primeiro santo português.

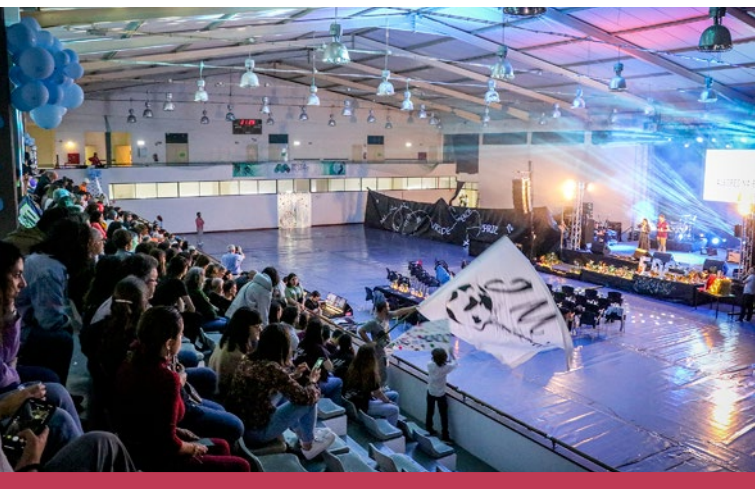
Resumindo, S. Teotónio foi um homem da cultura, mas também do diálogo e da paz numa época muito conturbada da história de Portugal, sobretudo após a expulsão dos árabes que tinham

chegado à Península Ibérica. Perante a diversidade religiosa e cultural, S. Teotónio soube levar a fé a todo o território nacional com as suas reflexões, que eram muito apreciadas. D. Virgílio pediu ainda aos alunos que imitassem o exemplo de S. Teotónio no que consiste ao estudo e à abertura do coração a Cristo e ao próximo.

Outro momento significativo nestas comemorações foi a realização de uma sessão solene no dia 22 de abril, no cineteatro do Colégio de São Teotónio, em que intervieram o presidente do Conselho de Administração, Padre Manuel Carvalheiro, o Bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes, antigos e atuais professores, tendo havido ainda o testemunho de antigos alunos.

Ainda no contexto das celebrações dos 60 anos, no dia 24 de abril, às 21h, o grande auditório do Convento de S. Francisco recebeu o espetáculo "Era uma vez... (no bosque)" de Stephen Sondheim e James Lapine.

"A VIDA É ASSIM"

Projeto Tau vence Festival Diocesano da Canção Jovem

Com música e letra de João Samuel Diogo, a canção "A Visa é assim" foi a grande vencedora do XXVII Festival Diocesano da Canção Jovem, que decorreu no dia 20 de abril, em Miranda do Corvo. Sob o título "Alegres na Esperança", o festival teve a participação do Grupo de Jovens Amma, Jovens do Mundo, e_Amen, UniJovem da Lagarteira, Projeto Tau, Sempr'Abrir e Symbiose.

A canção vencedora foi interpretada por jovens do Projeto Tau, ligado à paróquia de Santo António dos Olivais, em Coimbra. O Grupo UniJovem, ligado à paróquia da Lagarteira, ficou em terceiro lugar e o segundo lugar foi arrebatado pelos e_Amen, ligados à paróquia de Santiago da Guarda.

A abrir o Festival, nas palavras de boas vindas aos jovens, o Presidente da Câmara Municipal de Miranda do Corvo, António Miguel Baptista, felicitou a Diocese, o seu Secretariado da Pastoral Juvenil, os grupos participantes e, através deles, toda a juventude da Diocese de Coimbra, pelo Festival e particularmente pela "positividade" do tema escolhido para o mesmo.

D. Virgílio Antunes considerou que o Festival Diocesano da canção Jovem "é sempre uma noite feliz", porque "a alegria dos jovens contagia os adultos e o mundo", e é razão de "esperança" nos "tempos conturbados" em que vivemos.

A Vida é assim

(Autor da música e da letra: ***João Samuel Diogo****)*

Eu já pensei
O que há de vir?
Meu Deus eu não sei
O que Tu queres de mim

Caminho mais um dia
Penso onde estou
Sei bem donde venho
Mas não pra onde vou

Não tenhas medo
A vida é assim:
Cair e levantar!

Alegra-te na esperança
Que a vida te vai trazer
Olha para a frente
E vais te surpreender (2x)

Ouço a Tua voz
Vou tentar seguir
Este meu futuro
Eu o entrego a ti

Agora eu sei bem
Que quando cair
Tu estás comigo
Ajudas me a seguir

Não tenhas medo (Não tenho medo)
A vida é assim (A vida é assim)
Cair e levantar! (Contigo posso continuar)

Alegres na esperança
Que a vida nos vai trazer
Olho para a frente
E vou me surpreender (2x).

TESTEMUNHO

"A Vida é Assim" - Projeto TAU no Festival Diocesano da Canção Jovem

No dia 20 de abril, em Miranda do Corvo, vários jovens da Diocese de Coimbra juntaram-se para celebrar a fé através da música. Esta foi a XXVII edição do Festival Diocesano da Canção Jovem. O evento é organizado pelo Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil e consiste num dia de encontro entre grupos de jovens, que passam o dia em atividades de oração, partilha e convívio. No final do dia as várias bandas sobem ao palco para apresentar as suas músicas inéditas à comunidade. O tema escolhido para a edição deste ano foi "Alegres na Esperança".

Com grande alegria e entusiasmo, o Projeto TAU conquistou o primeiro lugar no festival, com "A Vida é Assim". Um tema inédito, escrito e interpretado pelos membros do grupo. O grupo agora prepara-se para representar a Diocese de Coimbra no Festival Nacional Jovem da Canção Mensagem.

O Projeto TAU é um grupo de jovens da paróquia de Santo António dos Olivais e participou pela sexta vez, juntamente com outras seis bandas, neste Festival.

Para nós, jovens do Projeto TAU, a música é mais do que notas e acordes. É uma forma de oração, "Quem canta, reza duas vezes". Por esta razão, desde 2018 marcamos presença neste Festival. No Projeto, sempre olhámos para a música como uma ferramenta que nos ajuda a impulsionar e espalhar a nossa fé ao mundo.

A letra da música que levámos ao festival, e que ganhou a atenção do júri, foi escrita inspirada num texto de uma das intervenções do Papa Francisco na JMJ Lisboa 2023:

«Não tenhais medo. A vida é assim: cair e recomeçar, aborrecer-se e recobrar a alegria. Aceitar esta mão que nos dá Jesus»

Também destas palavras acabou por surgir o título do tema: "A Vida é assim".

Para nós, o Festival Diocesano da Canção Jovem não é apenas uma competição musical. É um dia de encontro, partilha e comunhão. Ao lado dos outros grupos de jovens, tivemos momentos de oração e partilha, que nos expuseram a novas perspectivas e vivências. Conhecemos pessoas que compartilham dos mesmos valores e fé, o que fortalece a nossa caminhada, como jovens na igreja.

Agradecemos ao SDPJ e à Diocese de Coimbra por organizarem este evento. A experiência do Festival Diocesano da Canção Jovem é, sem dúvida, uma oportunidade única para os grupos de jovens da Diocese de Coimbra se expressarem artisticamente, fortalecerem sua fé e criarem laços de comunidade. Não podemos deixar de recomendar este festival a todos os grupos de jovens da Diocese de Coimbra! O Festival permitiu uma grande partilha de Fé e de vivências pela música, e trazemos de lá a vontade de sermos a personificação desta Alegria na Esperança do Pai.

João Samuel Diogo

© Foto SDPJ Coimbra

FESTA DIOCESANA

Famílias querem continuar a ser lugares de acolhimento e de relação

"A relação é o berço da humanidade", defendeu Juan Ambrosio na Festa Diocesana da Família, que decorreu no último domingo, em Miranda do Corvo. Por isso, foi em torno da ideia da "relação" que fez a sua abordagem à família no diálogo que manteve com o Cónego Nuno Santos, Assistente do Secretariado Diocesano da Família.

Ao longo da conversa, Juan Ambrosio abordou também, a partir da sua experiência familiar, as questões da transmissão da fé aos filhos, das exigências profissionais hoje tão absorventes ou da relação com a comunidade cristã, para em todos estes campos sublinhar, mais uma vez, a importância da relação e da comunidade, percebendo que "a vida é o habitat da fé", e que sendo possível viver sem fé, esta é, contudo, "uma daquelas linguagens que permite viver a vida como "experiência do fascínio".

A par da ideia de "relação", o "acolhimento" esteve também muito presente na manhã do encontro, com as famílias presentes, distribuídas por oito grupos, a responder à pergunta: como continuar a ser, agora, na vida comum, famílias de acolhimento, depois da experiência que tiveram nos Dias nas Diocese da JMJ 2023? As conclusões foram apresentadas em breves palavras ou expressões -como compromisso" ou "coração" - por cada um dos grupos,

A Eucaristia, a encerrar o dia, foi também ocasião para a celebração da Festa da Vida do oitavo ano da catequese da unidade pastoral.

Na homilia, o senhor Bispo teve em particular atenção a presença destes jovens, deixando um apelo às comunidades, às famílias, aos catequistas, no sentido de todos juntos ajudarem os jovens a encontrar em Jesus Cristo "a pedra angular" das suas vidas. Numa segunda ideia, a partir da imagem do bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, D. Virgílio Antunes considerou o lugar particular que o ministério ordenado tem na Igreja, mas também lembrou que "todos os que transmitem algo de bom, de belo, de justo, participam da missão de Jesus, o Bom-Pastor", seja o pai ou a mãe de família, fossem os jovens ali presentes, a quem pediu esse testemunho junto dos seus colegas de estudo e tempo livre.

A Festa Diocesana da Família foi ainda espaço para a alegria, mormente com a atuação da Banda da Paróquia, espaço para o convívio e a partilha, por exemplo, no almoço, e espaço de serviço, de modo particular no entretenimento das crianças mais pequenas com atividades próprias para as suas idades.

Palheira, Coimbra
Homenagem aos calceteiros
1 de maio, Dia do Trabalhador

PARA NOS PENSARMOS

Bons a propor, maus a ler e "péssimos" a concretizar...

Jorge Cotovio | ***jfcotovio@gmail.com***

Foi recentemente publicada a «Síntese da reflexão diocesana sobre os temas indicados no Relatório de Síntese da XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos "Uma Igreja sinodal em missão" (28 abril 2023), da Primeira Sessão do Sínodo (outubro 2023), capítulos 8-12, 16 e 18».

Quem resistiu à leitura da prolixa identificação deste trabalho, está apto para ler atentamente as 104 propostas apresentadas, 65 das quais mais respeitantes à nossa realidade diocesana.

Confesso que sou um adepto fervoroso do método criado pelo nosso Papa nesta caminhada sinodal, inaugurando um novo ciclo em que se "ouve" o Povo de Deus. Todavia, e sobretudo no respeitante ao 1.º questionário (março de 2022), sou muito crítico acerca da redação das questões, pouco claras e apelativas. Agora, neste 2.º questionário, nem tanto, mas mesmo assim, gerando algumas dificuldades.

Também confesso que valorizo sobremaneira as sínteses diocesanas, mais próximas de cada um de nós, do que a nacional, a continental ou até a final, pois estas terão de atender a outras realidades nem sempre por nós sentidas como prioritárias nas nossas pastorais.

Embora sendo suspeito – pois envolvi-me entusiasticamente neste processo, respondendo às questões e estimulando fortemente outros a igualmente responderem –, espero que pelo menos os cristãos mais comprometidos das comunidades leiam a recente síntese (quanto a mim, muito bem feita) e saboreiem as propostas, sobretudo as tais 65 pensadas especialmente para a nossa diocese.

Sinto que somos bons a propor, maus a ler documentos e mensagens e outras coisas mais, e "péssimos" a concretizar o que propomos. Mas não vale desistir. Vale, sim, ter esperança que, pelo menos os tais cristãos mais (pre)ocupados com as *coisas* da Igreja, ajam no sentido de alterar/ corrigir/ melhorar atitudes e procedimentos. Eles e as estruturas paroquiais e diocesanas onde se inserem (porque numa Igreja sinodal ninguém trabalha sozinho...). E – acima de tudo – se disponham a deixar que o Espírito Santo os inspire.

Como se esperava, nesta síntese fala-se muito de jovens, do seu "valor" como membros potencialmente ativos e "com futuro". Oxalá os mais velhos, com mais passado do que futuro (e muitas vezes com *mania* de que sabem tudo, e com pouca *pachorra* para aturar a *utopia* dos mais novos...), os

VOLTAR AO ÍNDICE

saibam acolher e valorizar. Fala-se muito nas mulheres, não tanto por serem, efetivamente, a maioria dos membros ativos das nossas comunidades, mas porque ainda não têm acesso ao ministério ordenado, nem se veem muito nos corredores do Vaticano… Também se fala de "corresponsabilidade", sugerindo-se envolver as comunidades, através dos seus órgãos de consulta (mormente os conselhos pastorais), nos processos de decisão. De resto, e não menos importante, fala-se muito no acolhimento, sobretudo dos mais afastados e dos mais vulneráveis, da difusão de boas práticas, do trabalho em equipa (e em rede), e, como não podia deixar de ser, na *desclericalização* não só dos ministros ordenados, mas também de leigos…

E, naturalmente, fala-se de outras *coisas* que não cabem nestas linhas, e que exigem dos cristãos (ao menos os mais ativos) a leitura do documento.

Depois desta brevíssima e incompleta *radiografia* da síntese diocesana, até me apetecia dizer: "E pronto". Mas não digo, pois nada está terminado. Antes p'lo contrário. Estas duas sínteses diocesanas, embora não sendo "doutrina oficial", reproduzem a opinião dos respondentes. E estes respondentes retratam a diversidade do Povo de Deus, desde leigos a clérigos e a consagrados. Neste quadro, elas são importantes e um desafio para todos nós. Não aguardemos, pois, para mudar algumas coisas, pelo relatório final (a publicar lá para finais deste ano, depois da 2.ª sessão da Assembleia Sinodal). Até lá, as comunidades, a partir das sínteses "podem levar por diante *propostas de mudança* que não colidam, naturalmente, com aspetos fundantes do Magistério da Igreja, tal como está entendido atualmente", como repetidamente tem assinalado o Conselho Pastoral Diocesano.

E uma *boa* proposta de mudança será – porque não? – mudar, doravante, o título deste artigo para "Bons a propor, bons a ler e bons a concretizar…

Resta-me desejar "*bons* trabalhos"!

NB: Faz hoje meio século que se deu o "25 de abril". Nesse dia, de manhã, vejo-me sentado, jovem caloiro, na sala "Infante D. Henrique", do departamento de Matemática da FCTUC, pouco tempo depois batizada de "Sala 17 de Abril". E quando eu e os meus colegas ouvimos falar da revolução, lembro-me bem que o primeiro gesto assumido foi abraçar-nos dizendo "já não vamos para a guerra" (do ultramar). E não fomos. Um preito de homenagem a quem lutou por este "Dia da liberdade". E a todos os que lutam e sofrem, hoje, os efeitos de tantas guerras por este mundo fora.

VOLTAR AO ÍNDICE

LILIANA PIMENTEL

A inteligência artificial e o ensino

O ensino não vai escapar às mudanças disruptivas que a inteligência artificial está a introduzir na nossa sociedade. Altera a maneira como aprendemos e a maneira como ensinamos.

Com o uso destas tecnologias, a aprendizagem pode hoje ser verdadeiramente personalizada, adequando os conteúdos aos perfis dos estudantes, ajudando os professores com a preparação de materiais dedicados, automatizando tarefas burocráticas.

A inteligência artificial coloca, igualmente, novos desafios ao ensino. Tecnologias baseadas em modelos fundacionais como o ChatGPT permitem aos alunos criar textos complexos sobre temas que não dominam, sem terem que fazer qualquer investigação para os escrever. Por outras palavras, quem quiser fingir que aprende tem na inteligência artificial um "aliado" que nenhuma outra geração teve antes, contudo é preciso controlar o seu uso e saber aproveitar as oportunidades da melhor forma.

Na verdade, banir a inteligência artificial das salas de aula seria, no entanto, um erro. Estas tecnologias são parte do nosso presente e do nosso futuro. Professores e estudantes têm de aprender a viver com elas, saber usá-las para tirar o melhor partido das suas vantagens e conhecer os seus perigos. A inteligência artificial também precisa de ir à escola, estar na sala, participar nos exercícios e nos trabalhos de casa. Mas, não podemos confiar cegamente nestas ferramentas, especialmente quando estamos a tentar preparar conteúdo baseado em factos. Parte do problema resolve-se tendo literacia suficiente, mas não chega.

Há ainda formas de usar a inteligência artificial para prevenir o insucesso escolar, antecipando quem pode ser vítima dele. É, por exemplo, o caso do Projeto P.IA.ES – Modelação e Predição do Insucesso e do Abandono Escolar no Ensino Superior, desenvolvido em colaboração com a Agência para a Modernização Administrativa e o Instituto Politécnico de Portalegre. As instituições de ensino superior registam uma quantidade significativa de dados sobre os alunos, representando estes, um potencial considerável de geração de informação, conhecimento e monitorização do percurso académico dos alunos.

A inteligência artificial também precisa de ir à escola, estar na sala, participar nos exercícios e nos trabalhos de casa. Mas, não podemos confiar cegamente nestas ferramentas, especialmente quando estamos a tentar preparar conteúdo baseado em factos. Parte do problema resolve-se tendo literacia suficiente, mas não chega.

O conceito de Learning Analytics (LA) refere-se ao uso inteligente desses dados para extrair informação relevante para a tomada de decisões, incluindo a previsão de desempenho académico. O projeto P.IA.ES consiste numa ferramenta de LA que foi chamada de "PIAES Learning Analy-

VOLTAR AO ÍNDICE

tics" a qual auxilia na definição de estratégias e mecanismos de melhoria por parte dos órgãos de gestão (pedagógico, coordenações de curso, entre outros). Agrega dados provenientes de diversas fontes e faz o processamento dos mesmos através do uso de técnicas de ciência dos dados e aprendizagem máquina para efetuar um conjunto de análises que incluem a caracterização dos alunos, ingressos, empregabilidade, abandono, percurso académico e previsão de sucesso, disponibilizando um conjunto de painéis de controlo que permitem visualizar a informação destas análises. Neste momento, a ferramenta encontra-se em utilização e a fornecer informação para o Grupo de Trabalho do Tutorado do Politécnico de Portalegre, no que diz respeito a quatro turmas do primeiro ano (quatro cursos) abrangidas pelo apoio deste grupo.

Por fim, há que referir que a regulação é necessária para prevenir outros riscos, por isso é que recentemente foi aprovado no Parlamento Europeu, o Regulamento para a Inteligência Artificial, que define níveis de risco diversos, mas também incentiva a inovação.

VOLTAR AO ÍNDICE

Encontro Nacional de Catequese

Ana Faria

"Há diversidade de dons,
mas o Espírito é o mesmo;
há diversidade de serviços,
mas o Senhor é o mesmo;
há diversos modos de agir,
mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.
A cada um é dada a manifestação
do Espírito, para proveito comum."
(1Cor 12,4-7)

De 2 a 4 de abril de 2024, decorreu na Diocese do Algarve, em Ferragudo, o 61º Encontro Nacional de Responsáveis dos vinte Secretariados de Catequese do País. Refletiu-se o sobre a ***"Identidade e Ministério do Catequista: Desafios Pastorais*** com a ajuda de três sacerdotes.

O Padre Manuel Queirós, da diocese de Vila Real, refletiu sobre "***A identidade do catequista no Diretório e no hoje da Evangelização***. Começou por afirmar que o ministério do catequista é "muito valorizado na Igreja" e que "todos os batizados são catequistas natos". "Os catequistas instituídos hão-de ser aqueles que, reconhecidos publicamente, são enviados pela Igreja com funções próprias, para exercer a Missão sempre animados pelo Espírito Santo". A partir do Diretório para a Catequese, de Março de 2020, aprofundou o perfil do catequista. Este deve assumir sempre o seu carater batismal e como servo da ação do Espírito ser: Testemunha da fé e Guardião da memória de Deus, Mestre e Mistagogo, Acompanhador e Educador daqueles que lhe são confiados pela Igreja.

O Padre Luís Miguel Rodrigues, da arquidiocese de Braga que dissertou sobre "***O ministério do catequista nos Documentos*** *"Antiquum Ministerium"* ***e*** *"Ministérios Laicais para uma Igreja Ministerial"* ***e no hoje da Igreja***». *Percorrendo os documentos o conferencista afirmou que a*pesar da Igreja reconhecer o *ministério do catequista* como "um antigo ministério", a sua efetivação só ocorreu em 2021, com a Carta Apostólica sob Motu Proprio «*Antiquum Ministerium*», do Papa Francisco. Durante muito tempo a pastoral e a vida da igreja eram alimentadas pelos presbíteros. A redescoberta do sacramento do Batismo, como fundamento da identidade cristã, implica uma mudança de mentalidade. E esta não se muda de um momento para o outro. Contudo, já em 1975, o Papa Paulo VI afirmava que as Conferências Episcopais podiam pedir à Santa Sé a instituição de ministérios. A mudança de mentalidades só pode ser conseguida pelo estudo aprofundado e por muita oração.

O Padre Carlos Aquino (...) apresentou notas para a espiritualidade do catequista: cristão com vida de oração, com respeito pela sã doutrina e com grande zelo apostólico. Servo, fermento de vida nova e de santificação, operário e testemunha do evangelho.

O Padre Carlos Aquino, da diocese do Algarve, refletiu sobre. «***O catequista instituído na liturgia e na vida da comunidade… a partir do Ritual de Instituição de Catequistas»***. Partindo do rito da Instituição do Ministério apresentou notas para a espiritualidade do catequista: cristão com vida de oração, com respeito pela sã doutrina e com grande zelo apostólico. Servo, fermento de vida nova e

VOLTAR AO ÍNDICE

de santificação, operário e testemunha do evangelho. Defendeu a urgência da instituição de catequistas em Portugal.

Os trabalhos foram concluídos com ***reflexão e partilha, em grupos, sobre a instituição do ministério*** coordenada por Eunice Lourenço, jornalista do Expresso e Olimpia Mairos, jornalista da Rádio Renascença. Nesta reflexão e partilha, participada e muito enriquecedora, percebeu-se a complexidade que este Ministério suscita, relativamente à definição das funções e à conjugação com os outros Ministérios laicais, sendo um assunto a aprofundar e a implementar dentro do possível.

O ponto alto do Encontro foi a **Eucaristia na Sé de Faro**, presidida pelo D. Manuel Quintas, Bispo do Algarve. Seguiu-se um jantar convívio e um serão cultural e, no dia seguinte, uma manhã de turismo em Silves.

Da diocese de Coimbra estiveram presentes o Diretor do SDEC, Padre Manuel Ferrão, o Diácono Francisco Gil e a Teresa Costa.

Vamos entrar no Mês de Maria, que foi "*Missionária da Alegria*", como nos disse o Papa Francisco no seu discurso no Parque Tejo[1]. Saibamos nós, Catequistas, sentir a "*necessidade transbordante de partilhar a alegria do Senhor*" com todos os que nos passam perto e com a Sua ajuda saibamos transmiti-la de modo especial aos nossos Catequizandos.

---

[1] Papa Francisco, *"Discurso na Vigília, no Campo da Graça, Parque do Tejo"* – JMJ, 5 de Agosto.

VOLTAR AO ÍNDICE

NUNO CASTELA CANILHO

Revolucionariometria

Há uns dias, numa atividade de escuteiros, o Pedro – um velho escuteiro com uma experiência e vivência escutistas absolutamente ímpares – dizia-me que ser cristão e ser escuteiro, hoje, era absolutamente contracultura. Depois do choque inicial que se apresenta sempre perante um aparente paradoxo, pensando bem e raciocinando com os argumentos do Pedro, não posso deixar de concordar.

Ser cristão e ser escuteiro hoje, em 2024, na Europa, é contracultura.

Por definição, considera-se contracultura como um movimento de questionamento e negação da cultura vigente que visa quebrar tabus e contrariar normas e padrões culturais que dominam uma determinada sociedade.

Servindo-me de alguns dos argumentos do Pedro – que subscrevo, mas que não me atrevo a substituir nem densificar –, e esclarecendo que a conversa não foi muito longa, resulta claro que as normas e os padrões culturais da sociedade atual fomentam claramente a ideia da singularidade de cada pessoa, numa lógica de um individualismo completo e absoluto. Os livros de autoajuda que enchem as prateleiras das livrarias, quando abertos e lidos, mostram a estratégia para a ideia de que cada um de nós, a partir do seu interior e desenvolvimento intrapessoal, consegue superar-se, tornar-se melhor e desenvolver-se sem precisar de nada nem de ninguém: Auto-ajuda...

A sociedade atual fomenta, desde logo nas crianças e nos jovens, uma cultura de medo, de perigo, de risco e de ameaça, que nos isola e nos fecha nos espaços de conforto, e com isso coarta afetividade, empatia, conectividade. É assim em casa, na escola, e em todos os espaços de convívio social. Estar com outras pessoas é perigoso.

Fomenta-se em todos os fóruns a premissa de que deve ser cada um por si, chamado de meritocracia, de que não tem de haver lógicas redistributivas nem de solidariedade. Olhamos para os emigrantes como beneficiários que não contribuíram. Olhamos para o mais pobre como um preguiçoso ou mentecapto. Primeiro eu, depois os demais.

Os jovens, em patrulha, num sistema de corresponsabilização, levam a cabo tarefas que os preparam para um modelo de vida com simbiose, em harmonia, de eficácia e eficiência assente na ideia de que o todo é sempre muito mais do que a soma das partes. E também aqui somos contracultura. Porque tudo o que na nossa sociedade atual se valoriza renega estes valores de cooperação.

Ser cristão e ser escuteiro vai contra isto tudo. Para um cristão o outro, o próximo, o irmão que connosco coabita é o foco da nossa existência. Existimos para o Outro. É na relação, no Amor, que nos religamos ao essencial e ao mais importante. Precisamos do Outro para Ser. Para ser

pessoa, para ser humano, para ser feliz. Não há autoajuda, porque há valor em sermos ajudados e há mais valor ainda em ajudarmos os outros. Este Amor que os Cristãos colocam no centro da sua vida, como um mandamento absolutamente irrevogável e incondicional, que nos junta e congrega para chegarmos a Deus, é hoje, e perante o nosso mundo, absolutamente contracultura.

O mesmo se passa com o Escutismo, que apresenta às crianças e jovens um modelo de existência exclusivamente assente na ideia da cooperação. Os jovens, em patrulha, num sistema de corresponsabilização, levam a cabo tarefas que os preparam para um modelo de vida com simbiose, em harmonia, de eficácia e eficiência assente na ideia de que o todo é sempre muito mais do que a soma das partes. E também aqui somos contracultura. Porque tudo o que na nossa sociedade atual se valoriza renega estes valores de cooperação.

Baden-Powell (1857-1941), o fundador do Escutismo, afirmou um dia que ninguém tinha percebido tão bem o escutismo e o seu valor como o Padre Jacques Sevin (1882-1951), o jesuíta francês que interpretou o Escutismo Católico. Porque não há, de facto, maneira melhor de viver o Escutismo, se não no pressuposto claro que o Amor Cristão e católico preconiza. O que não quer dizer que um Escuteiro seja melhor Cristão que um não-escuteiro.

Celebramos esta semana os cinquenta anos da Revolução do 25 de Abril. E por estes dias, entusiasmados e em gaudio, mediremos o nível de transformação que uma Revolução – aceite e abraçada pelo Povo – consegue promover. Mediremos e compararemos o que fomos e o que somos (talvez alguém mais iluminado consiga pensar que teremos também de decidir para onde vamos). Andaremos com a Revolucionariometria na ponta da língua. A saber, mediremos o que é mais revolucionário e o que é menos revolucionário e todos os seus graus intermédios.

Ser Contracultura na década de 1960 era ser hippie. E na década de 1970 era ser punk. Nem todos fomos hippies e nem todos fomos punks. Mas trauteamos os hinos hippies e valorizamos muito do que foi o pensamento punk.

Hoje, na segunda década do século XXI, ser contracultura é acreditar que o Amor ao nosso irmão é o melhor caminho para a Felicidade. É combater o individualismo, é falar em Amor e Compaixão e desclassificar a meritocracia.

É Ser Cristão e Ser Escuteiro. Como os mil jovens escuteiros de Coimbra que no próximo fim de semana, na Figueira da Foz, falarão de Sustentabilidade, de Amor ao Próximo através da preservação da Casa Comum, e que arregaçarão as mangas para fazer a sua parte, sem julgamentos nem necessidade de prémios ou vã gloria... Mesmo que pareça tão estranho e tão inverosímil como acreditar que é possível um gato ajudar uma gaivota a cuidar e preservar os seus ovos até eclodirem.

Obrigado Pedro.

ANO DA ORAÇÃO

A ORAÇÃO NA BÍBLIA

JOÃO PAULO FERNANDES

A Palavra como fogo ardente – Jeremias

Os profetas convidam à conversão do coração e, procurando ardentemente a face de Deus, como Elias, intercedem pelo povo", assim afirma o Catecismo da Igreja Católica (cf. n. 2595). Depois de observar a figura orante de Elias, hoje olhamos para mais um profeta, Jeremias. Realizamos uma paragem no percurso que estávamos a fazer, seguindo as Catequeses do papa Francisco ou o Catecismo, para contemplarmos algumas figuras bíblicas.

Nascendo por volta de 645 a.C., Jeremias é filho de Hilquias, sacerdote de Anatot, da tribo de Benjamim. Viveu a catástrofe da queda de Jerusalém, em 587 a.C., por ordem do rei Nabucodonosor, e assistiu à deportação do povo para a Babilónia. O Templo foi incendiado e, consequentemente, o culto foi suspenso. Os sacerdotes deportados. A monarquia deixou de existir e a terra da promessa invadida por inimigos. A reação de muitos era gritar que Deus os tinha abandonado, deles tinha-se esquecido (cf. Jr 33,21-24). Este drama é vivido não só exteriormente, mas de modo semelhante no íntimo do profeta: o Deus das promessas parece que está ausente, 'em silêncio', enquanto ele sofre perseguição e é ridiculizado (cf. Jr 15,10; 20,7ss). Jeremias quase blasfema (cf. Jr 15,18) e chega mesmo a dizer que nada mais quer com Deus, desejando esquecê-lo (cf. Jr 20,9); porém, no seu coração, uma voz lhe diz que só o Senhor o conhece verdadeiramente (cf. Jr 12,23), que só n'Ele está a sua esperança (cf. Jr 17,14). As diversas confissões, lamentações e orações que encontramos no livro deste profeta evidenciam todo este percurso espiritual, marcado pela própria conversão, que o fortalecerá para mais amar a Deus, estando ao serviço do seu povo. Ele ensinava-o a rezar e a ler os fenómenos da natureza à luz da fé (cf. Jr 31,35-36; 33,20-21.25-26).

Como nos outros profetas, também em Jeremias, a última palavra é de salvação e consolação, de nova aliança entre Deus e o seu povo. Deus conduz à conversão o coração, no íntimo do qual regista a sua lei e no qual escreve sua aliança de amor: é o seu Deus e ele o seu povo (cf. Jr 31).

VOLTAR AO ÍNDICE

Comecemos pelo princípio do livro. Depois da apresentação do profeta, ouvimos a declaração de amor: «Antes de te haver formado no ventre materno, Eu te conheci» (Jr 1, 5). Deus promete estar com ele e protegê-lo (cf. Jr 1,8). A declaração de amor não é exclusiva para o profeta pois Deus a proclama a cada um de nós, sendo de conforto no meio das tempestades da vida. Parar um pouco para rezar não será tempo desperdiçado, mas sim um tempo oportuno para, de forma repetida, ouvir estas palavras amorosas que nos dão esperança e nos afirmam que jamais caminhamos sós. Como afirma São João, sem Ele, nada podemos fazer (cf. Jo 15,5). Com o coração sintonizado com o coração de Deus, por meio da oração quotidiana, a ordem de serviço é precisamente estar ao serviço dos irmãos, pela compaixão.

Olhando para a figura do profeta, possamos cultivar a proximidade com o Senhor e tomaremos consciência o quão Deus deseja, através dos nossos gestos e palavras, ser consolação e esperança para os que precisam. Por nosso intermédio, os que vivem connosco ou com quem nos encontramos, no dia-a-dia, possam ter a graça de pressentir ou de ouvir palavras semelhantes às que o Senhor deu a Jeremias: és abençoado; pensei em ti, amei-te, já antes de te formar no ventre materno! Sim, como o profeta, animados e fortalecidos pelo Senhor, tornamo-nos, por nossa vez, instrumentos de consolação e reconciliação.

Na verdade, também a nós, o Senhor nos chama a ser «profeta para os povos» (cf. Jr 1,5), enviados a levar a luz, a dar testemunho. O Senhor fala. A sua palavra é poderosa! Ao profeta Jeremias, o Senhor diz: «Eis que ponho as minhas palavras na tua boca; a partir de hoje, dou-te poder sobre os povos e sobre os reinos, para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres, para edificares e plantares» (Jr 1,9-10). São verbos vigorosos: primeiro, arrancar e demolir para poder edificar e plantar. Arrancar o que é injustiça, ódio, e demolir o mal para poder edificar, firmes na Palavra de Deus, no amor, na justiça e na paz. Trata-se de colaborar para uma história nova, aquela que verdadeiramente Deus sonha para nós.

O Senhor fala, como resistir! "No meu coração – escreve Jeremias – havia como que um fogo devorador encerrado nos meus ossos. Esforçava-me por contê-lo, mas não conseguia" (Jr 20, 9). Nos passos do profeta que a nossa oração possa ser imbuída pela paixão e pela compaixão: paixão pelo Senhor, cultivando a proximidade, e compaixão pelo próximo.

Unidos ao Santo Padre, continuamos a rezar pela paz na Palestina e em Israel, como também pela Ucrânia.

VOLTAR AO ÍNDICE

SALESIANOS

Faleceu José Pedrosa Ferreira, diretor das Edições Salesianas

A Secretaria Provincial da Província Portuguesa da Sociedade Salesiana comunicou o falecimento, a 22 de abril de 2024, do Pe. José Pedrosa Ferreira, diretor das Edições Salesianas, hoje Salesianos Editora, entre 1996 a 2014.

A par da catequese, a "boa imprensa" foi a grande paixão do Pe. Pedrosa. Foi no campo editorial que uniu dois dos seus grandes dons: a escrita e a pedagogia catequética.

Foi pioneiro na produção de guias pedagógicos e materiais catequéticos para a pré-adolescência e adolescência. Foi ainda diretor do Cavaleiro da Imaculada, jornal mensal de distribuição gratuita, até ao ano de 2020.

A Diocese de Coimbra foi beneficiária direta do trabalho pioneiro neste campo catequético, tendo o Pe. Pedrosa Ferreira vindo a Coimbra, por várias vezes, no início dos anos 80, para formar catequistas e animadores de grupos paroquiais que se dedicavam aos adolescentes.

VOLUNTARIADO COM AS IRMÃS HOSPITALEIRAS

Uma iniciativa do Serviço Diocesano da Juventude

Sob o título "Vai e faz tu também o mesmo" (Lc 10, 37), o Serviço Diocesano da Juventude convida os jovens dos 15 aos 21 anos a fazerem uma experiência de voluntariado na Casa de Saúde Rainha Santa Isabel, das Irmãs Hospitaleiras, em Condeixa.

A experiência de voluntariado inicia-se no dia 3 (sexta-feira), com o jantar, e termina no dia 5 de (domingo), depois de almoço.

As inscrições devem ser formalizadas através do email hugo.sdjcoimbra@gmail.com ou em https://linktr.ee/sdjcoimbra, sendo os lugares limitados. O valor da inscrição é 15€.

Uma das sugestões do Serviço Diocesano da Juventude (SDJ), considerando que "É hora de arriscar e fazer serviço", é que as comunidades lancem este desafio de modo particular aos jovens que fazem este ano o seu Crisma.

VOLTAR AO ÍNDICE

COMUNICADO

Juntos, construímos os próximos 50 anos de Democracia e Liberdade

Comissão Nacional Justiça e Paz

Ao comemorarmos o 25 de Abril e a conquista da liberdade, e honrando os seus valores, é tempo de fazer um balanço e projetar com confiança os próximos anos da Democracia. Cinquenta anos volvidos, e apesar de tantos avanços positivos, há ainda hoje fenómenos de ausência de liberdade que exigem uma resposta colectiva.

O primeiro fenómeno a considerar é o das desigualdades que ferem o nosso tecido social, deixando pessoas para trás e não permitindo o desenvolvimento pleno de cada pessoa e de todos.

Também a falta de visão de futuro retira esperança e é, para muitos, condicionadora da liberdade. Condicionadora de oportunidades de uma vida digna; condicionadora da formação da família que muitos desejam e que não podem ter nos termos em que a sonharam; condicionadora da liberdade dos que pretendem fazer de Portugal a base da sua vida, mas sentem-se forçados a emigrar.

Hoje vive-se um tipo de condicionamento da liberdade de pensamento e de expressão que não deve ser ignorado. Das redes sociais ao espaço público, os silos ideológicos em que nos encerramos contribuem para o fechamento ao outro, para o aumento de discursos racistas, xenófobos ou de intolerância, e para o aumento de vozes pedindo políticas de muros.

Apesar dos desafios da nossa época, cinquenta anos volvidos sobre o 25 de abril, há razões para termos esperança e para sonharmos os próximos 50 anos de democracia em Portugal.

À luz das preocupações de Justiça e Paz que norteiam a intervenção da CNJP, enunciamos alguns caminhos que nos parecem dever ser trilhados como garantia de liberdade e de preservação da democracia:

Assumir a erradicação da pobreza e da luta contra as desigualdades e a exclusão social como missão coletiva de prioridade máxima;

Promover uma cultura de igualdade e respeito pela individualidade do outro;

Colocar acima de quaisquer interesses partidários a resolução dos principais problemas dos portugueses para garantir a todos - sem excluir ninguém - um acesso equitativo aos direitos sociais como a saúde, a educação e a habitação;

Promover políticas de longo prazo, sustentáveis e com consideração pela Casa Comum, que apostem na criação de melhores condições de trabalho, de remuneração e de vida para todos;

Promover uma cultura de escuta e de diálogo, de forma a preservar e valorizar uma sociedade plural assente no respeito e na fraternidade, que é capaz de discutir os desafios do país com razão, mas também com o coração e com abertura a compromissos;

Valorizar a dimensão ética baseada na dignidade humana.

A sociedade portuguesa viveu grandes transformações positivas nos últimos 50 anos. Que este aniversário de abril nos reanime e comprometa na construção diária da liberdade que assenta na fraternidade, na justiça e na paz.

Lisboa, 20 de abril de 2024

VOLTAR AO ÍNDICE

A LIBERDADE LIDA PELA FÉ E PELA TEOLOGIA

“No momento significativo, para a sociedade portuguesa, em que celebra os 50 anos do 25 de Abril, onde foi proclamada a liberdade, convém reflectir e ir percebendo o alcance antropológico e pastoral que esta mesma temática aporta à vida dos cristãos que, como Igreja, no mundo, servem a pessoa e a sociedade, na construção do Reino de Deus”.
“O nosso País, a nossa história de povo português soube ver, assumir e pôr em prática há cinquenta anos esta liberdade moral, reequacionando novos projetos e redefinindo novos rumos de dignidade humana e beleza, bem comum e justiça, política e economia, educação e saúde...acabando com corporativismos, perseguições, elitismos, corrupção, vontade de poder...”.
Dossier “50 anos do 25 de Abril” no Correio de Coimbra.

Liberdade humana: visão antropológica e pastoral

Rodolfo Leite

No momento significativo, para a sociedade portuguesa, em que celebra os 50 anos do 25 de abril, onde foi proclamada a liberdade, convém reflectir e ir percebendo o alcance antropológico e pastoral que esta mesma temática aporta à vida dos cristãos que, como Igreja, no mundo, servem a pessoa e a sociedade, na construção do Reino de Deus.

Desde início e obrigatoriamente, há que salvaguardar que as conceções de «pessoa» e de «liberdade» estão essencialmente unidas, de modo que todo ser pessoal é livre, e todo ser livre é pessoa. A rejeição a deturpação de uma conceção implica a rejeição e a deturpação da outra. Ambas conceções se afirmam e implicam-se mutuamente. Uma pessoa que vive, sempre e intensamente disponível, para se realizar, mostra-se e é livre.

1. Características da liberdade humana

Convém definir, à partida, algumas características da liberdade humana. Primeiramente, ela não pode ser compreendida unicamente como capacidade de escolher, diante de uma pluralidade de possibilidades. Não é a faculdade de eleger ou de se decidir por «este ou aquele bem finito». É necessário passar de um horizonte de compreensão de liberdade como «faculdade escolher» para uma «faculdade ser». Por outras palavras, a liberdade é a atitude ou capacidade que a pessoa possui para «dispor de si mesma», tendo em vista a sua realização. É a pessoa que se decide, por si mesma, com os olhos voltados para um fim. A pessoa elege-se com o intuito de construir a sua «história», a sua «identidade pessoal», alcançar a sua felicidade. A liberdade não é a mera capacidade de fazer o que se quer, mas a procura de ser igual a si mesmo, na realidade da sua identidade e história pessoais. Aliás, só assim se compreende que o ser humano livre tenda sempre e naturalmente para o «bem supremo».

Depois, a liberdade é uma dimensão fundacional do ser humano, através da qual o mesmo modela e determina a sua existência, cuja realização passa por escolhas e eleições necessárias, para cunhar aquilo que é. Através da liberdade, como faculdade de eleger, o ser humano cria as condições necessárias para a sua realização pessoal (faculdade de ser sempre melhor o que é). Um ser humano realizado, livre, não nasce pronto, acabado, fabricado, interior e exteriormente, mas é aquele que assume o seu ser como um projeto, uma função, uma tarefa.

> ***“A liberdade é a atitude ou capacidade que a pessoa possui para «dispor de si mesma», tendo em vista a sua realização. É a pessoa que se decide, por si mesma, com os olhos voltados para um fim. A pessoa elege-se com o intuito de construir a sua «história», a sua «identidade pessoal», alcançar a sua felicidade.***

O ser humano, como ser pessoal e livre, também reconhece a sua condição itinerante, processual, o seu estado de «peregrino». É um «ser-a-caminho», cuja identidade é uma construção. Não é uma realidade concluída, mas um constante dinamismo vital, uma transformação permanente, cuja realização passa por ações sucessivas. O ser humano para ser livre tem que ser capaz de responder, por si mesmo, assumindo a sua existência responsavelmente. Por isso, a liberdade não permite delegar a qualquer outro a capacidade de responder, por si e assumir as consequências dos seus atos. A liberdade implica, em responsabilidade, a capacidade intransferível de dar resposta. Uma liberdade sem responsabilidade acabará por se converter numa pura formalidade vazia de conteúdos.

Por fim, uma liberdade sem orientação, horizonte, finalidade, desprovida de norte, sentido, responsabilidade, é uma falácia, um estado de «vagabundo» da existência. A verdadeira liberdade orienta-se em direção ao «ser-mais-humano», «mais-si-próprio», «mais-pessoa». Quanto mais livre é o ser humano, mais é capaz de dispor de si. Somente se pode fazer disponível quem se «possui» a si mesmo, não se retendo ou ficando refém, mas abrindo-se aos outros e à construção da sua história de felicidade.

Uma liberdade sem orientação, horizonte, finalidade, desprovida de norte, sentido, responsabilidade, é uma falácia, um estado de «vagabundo» da existência. A verdadeira liberdade orienta-se em direção ao «ser-mais-humano», «mais-si-próprio», «mais-pessoa». Quanto mais livre é o ser humano, mais é capaz de dispor de si.

2. Notas distintivas da liberdade humana

Convém agora, apontar algumas notas determinantes relativas à liberdade humana. O ser humano nasce num contexto geográfico, cultural, socioeconómico, religioso, etc., que lhe é dado previamente. Esta situação pré-existente, na qual o ser humano é inserido, será determinante e condicionante da sua liberdade. Não existe uma liberdade pura, blindada de qualquer condicionamento contextual. A liberdade é sempre contextualizada, inserida e situada. O facto de a liberdade estar submetida a condicionamentos, não a destrói, mas demonstra o seu carácter finito, contingencial. A pessoa como um ser limitado, concreto, delimitado pelo seu contexto, não pode possuir uma liberdade que seja ilimitada, autárquica, absoluta. A liberdade humana é real, porém delimitada. O exercício da liberdade está circunscrito pelo contexto no qual cada um se encontra. Uma liberdade que deseje ser ilimitada, irrestrita, despregada da realidade humana, prescindindo do «entorno existencial», será ilusória, romântica, até desumana! Para ser livre, a pessoa precisa dos condicionamentos prévios; sem o estímulo das situações impostas, a liberdade humana seria uma liberdade não interpelada, não responsável.

Uma liberdade que deseje ser ilimitada, irrestrita, despregada da realidade humana, prescindindo do «entorno existencial», será ilusória, romântica, até desumana! Para ser livre, a pessoa precisa dos condicionamentos prévios; sem o estímulo das situações impostas, a liberdade humana seria uma liberdade não interpelada, não responsável.

Depois, a liberdade é, através da finitude humana, a possibilidade de uma tomada de posição também diante de Deus. Um posicionamento perante Deus comporta uma afirmação ou negação. Deus ao criar o ser humano livre «corre o risco» de ser rejeitado, porque este é capaz de dizer «não» Àquele. A liberdade humana é um património inviolável, no qual Deus não quer poder tocar nem interferir. Mais: Deus deixaria de ser Deus, e tornar-se-ia um tirano eterno, e a pessoa deixaria de ser humana, e tornar-se-ia um fantoche ou um súbdito servidor da vontade divina.

> ***Deus é a realidade fundante do ser humano e, por consequência, da sua liberdade. Sendo esta a capacidade de autorrealização de um ser finito diante de um Ser infinito, a liberdade mais livre será aquela que aceita e não rejeita, acolhe e não repele, o fundamento do seu ser.***

A liberdade humana tem, assim, um fundamento «metafísico», «teologal». Como ser livre, a pessoa humana não pode permanecer indiferente, inerte, diante de Deus. Mas, fazendo uso da sua liberdade, deve ser capaz de acolher ou recusar o Criador. Deus é a realidade fundante do ser humano e, por consequência, da sua liberdade. Sendo esta a capacidade de autorrealização de um ser finito diante de um Ser infinito, a liberdade mais livre será aquela que aceita e não rejeita, acolhe e não repele, o fundamento do seu ser. Na realidade, o «sim» e o «não» são possibilidades simétricas, pois negar Deus seria um defeito da liberdade humana, orientada para o Bem supremo. Uma experiência radical de Deus é uma experiência bela de liberdade humana.

Uma liberdade verdadeira pauta-se pela responsabilidade, fidelidade, pelo comprometimento. É uma liberdade amadurecida a que sabe o seu objetivo: construção da sua identidade pessoal. Alguém que abdicasse da função de construir a sua própria história, esperando ou delegando esta tarefa para os outros, estaria a renunciar ao exercício da liberdade. Esta não comporta indecisão, delegação, infantilidade, mas autoeleição, autopossessão, autodecisão, autodeterminação.

Claro está que o exercício da liberdade pessoal dá-se em comunhão com o exercício de outras liberdades (social, política, religiosa...). Não é possível pensar uma conceção de liberdade que prescinda das demais liberdades. A liberdade é um conceito englobante. Não existe liberdade pessoal sem liberdade social e estas têm de estar em coerência e harmonia. Não haverá um ser humano livre enquanto os outros não forem livres. Enquanto existir «alguém» sendo reduzido a «algo», degradando a sua dignidade pessoal, não haverá verdadeiramente liberdade. A liberdade pessoal é inseparável da libertação universal. A liberdade, como autodecisão por si mesmo em vista a uma realização, será autêntica, fiel, comprometida, ativa, se consistir numa eleição tendo em conta os outros. Deve, pois, existir uma solidariedade e uma coerência no uso da liberdade. Por fim e citando o Concílio Vaticano II, a «verdadeira liberdade é sinal eminente da imagem divina no homem» (cf. GS 17).

3. A conceção cristã da liberdade humana

Para a fé cristã, o ser humano é, constitutiva e originariamente, livre. Antes do surgimento do ser humano, a liberdade já se fazia presente na Criação devido ao ato criador de Deus. O ser humano é livremente criado num ambiente no qual a liberdade já reinava. Esta é a «*conditio sine qua non*» da aparição do humano. A liberdade é um dado inabdicável para a fé cristã: uma resposta livre a um chamamento livre (cf. Mc. 1, 15). A «tensão» chamamento-resposta inscreve-se no marco de uma relação entre seres pessoais e mutuamente referidos. Deus e a pessoa humana estão frente a frente, não num «ringue» como dois adversários, esperando a luta começar, mas

> ***Para a fé cristã, o ser humano é, constitutiva e originariamente, livre. Antes do surgimento do ser humano, a liberdade já se fazia presente na Criação devido ao ato criador de Deus. O ser humano é livremente criado num ambiente no qual a liberdade já reinava. Esta é a «conditio sine qua non» da aparição do humano.***

como duas liberdades que se relacionam no amor. A Criação é o cenário em que liberdade divina, fontal, criadora se relaciona com a liberdade humana, criada. A liberdade divina, relacionando-se com a humana, não a destrói ou subestima, mas fundamenta e permite o seu exercício, no amor.

A compreensão cristã, de uma liberdade doada, criada, atestada, choca com a antropologia grega. Segundo esta, a liberdade humana é um luxo escasso, precário e caríssimo. É um troféu a ser penosamente conquistado, que está constantemente ameaçado pelas forças da natureza ou pelo capricho dos deuses. Não é algo pacificamente adquirido. É fruto de uma transgressão de normas e de leis. Tudo isto é contrário ao homem bíblico que pode dizer «não» porque é livre. Para os gregos a liberdade é um bem a ser desfrutado precariamente por pouco tempo. Compreende-se a liberdade como uma conquista, e não um dom. Na visão cristã, crer e fazer a experiência da liberdade são uma mesma e única coisa.

4. Questionações pastorais

Em tempo de sinodalidade, convém referir que a fé cristã compreende a liberdade a partir de algumas categorias que deixam umas outras tantas questionações pastorais, a saber: religação, filiação adotiva e serviço aos irmãos.

> ***Na verdade, o ser humano nunca é mais livre do que quando responde com amor à oferta de Amor. Toda experiência amorosa é libertadora. Quem ama, de facto, deixa o outro ser livre. Respeita a autonomia e a liberdade do outro.***

Em primeiro lugar, a liberdade genuína é uma forma de religação. Esta está bem presente nas Escrituras e na Tradição da Igreja. É o ser humano que se experimenta como criatura religado a um fundamento último. Na relação criatura-Criador existe uma dependência daquela em relação a Este, não escravizante, mas libertadora, personalizante, amorosa. A dependência da criatura não é uma forma de alienação e nem uma forma de roubar a sua autonomia. A criatura é simultaneamente dependente e livre, porque amada. A liberdade do ser humano é uma liberdade participada. A sua capacidade de se realizar não suprime de modo algum a sua dependência de Deus. Esta não se dá no nível da relação «senhor-escravo», mas «pai-filho». Na verdade, o ser humano nunca é mais livre do que quando responde com amor à oferta de Amor. Toda experiência amorosa é libertadora. Quem ama, de facto, deixa o outro ser livre. Respeita a autonomia e a liberdade do outro. O «eu» que ama dependente do «tu» amado, não de forma obsessiva, sufocante, alienante, mas edificante, libertadora, realizadora. Quantas mudanças nas «maneiras» de dizer e viver a fé têm de acontecer nas diversas ações pastorais?

Em segundo lugar, uma compreensão cristã da liberdade humana alcança a sua realização na forma de filiação adotiva. São Paulo e São João contrapõem escravidão à filiação, e não à liberdade (cf. Rm 8, 15. 21; Gl 4, 3-7; Jo 8, 32-36). A liberdade é entregue ao ser humano a fim de que possa atingir o seu fim: ser imagem de Deus, em Cristo. A li-

berdade do cristão consumar-se-á mediante uma plena identificação como filho de Deus, no Filho. Quem evoca a Deus como Pai tem que ver no outro não só um semelhante, mas um irmão. A liberdade supõe uma alteridade entendida, não só como proximidade, mas também como fraternidade. O reconhecimento de uma paternidade comum deve conduzir a formação de uma fraternidade universal. As pessoas serão livres quanto mais fraterna for a sociedade. A teologia da liberdade conduz a uma teologia da fraternidade. Quantas mudanças de posturas eclesiais, dentro e fora da Igreja, têm de acontecer para que tal se perceba?

Por fim, um traço específico da compreensão cristã da liberdade humana é o amor, no serviço aos irmãos (cf. Gl 5, 13-15). A liberdade presentifica-se quando o amor reconhece e promove o outro. O amor é o sacramento da liberdade. Quanto mais a pessoa dispõe de si, entregando-se aos outros, mais livre e disponível se torna. Um cristão não se realiza autoafirmando-se, egocentricamente, mas ofertando-se. É reconhecendo a sua vida como oferta gratuita, que a criatura é chamada a se desprender de si, doando-se no serviço aos irmãos.

A liberdade presentifica-se quando o amor reconhece e promove o outro. O amor é o sacramento da liberdade. Quanto mais a pessoa dispõe de si, entregando-se aos outros, mais livre e disponível se torna. Um cristão não se realiza autoafirmando-se, egocentricamente, mas ofertando-se.

Para a fé cristã, Jesus é o arquétipo da liberdade. Jesus não retém a Sua vida para Si, mas desinstala-Se de Si, entregando-Se, por amor aos outros (cf. Jo 10, 18). A liberdade humana, do ponto de vista cristão, é chamada a conformar-se com a liberdade de Cristo. Quantas mudanças têm de acontecer na forma como avaliamos e medimos o que vivemos e fazemos como cristãos, dentro e fora da Igreja?

Liberdade e Moral

Virgílio Miranda Neves

Quando falamos em liberdade há muita gente que incorre, imediatamente, no risco que é um erro de a confundir com o livre arbítrio, isto é, a capacidade existente em cada um de nós como pessoa para realizar escolhas, independentemente de estar centrada ou não em valores, normas, ou perspetivas realizadoras políticas, sociais, económicas, educacionais ou profissionais.

Ora, o livre arbítrio como capacidade de realizar escolhas por si mesmo não tem nada de extraordinário. Por isso, ele até pode vir a ser no futuro introduzido no esforço de aprofundar a Inteligência Artificial, tornando-a cada vez mais consistente com as capacidades decisoras das pessoas, na medida em que o computador-máquina se torne cada vez mais usufrutuário das capacidades de decisão típicas de uma pessoa enquanto considerada como máquina na base da compreensão do seu cérebro, tido como um sofisticado computador ainda inalcançável em toda a compreensão da sua estrutura, imagem e capacidades.

Ora, a liberdade não equivale a livre arbítrio, porque ela significa a capacidade da pessoa para seguir ou obedecer à norma base da ética ou moral e que é o "faz o bem, evita o mal", ou seja, a capacidade pessoal para orientar todos os movimentos e forças concertadamente para o bem, especificado em valores concretos como a dignidade humana, a ternura, a bondade, a beleza, a compaixão, a proximidade, a partilha, o dom de si, e em projetos sócio políticos e económicos que estejam de acordo com a justiça e a justiça social, o bem comum, a caridade política, o destino universal dos bens, a opção preferencial pelos mais pobres dos pobres e pelos marginalizados e excluídos, bem como pelos emigrantes e refugiados, ao mesmo tempo que procura evitar o caminho dos anti valores concretizados em tudo o que seja corrução, compadrio, corporativismos, lobys, marginalização, sedução, vontade de poder, exploração, tráfico de pessoas, injustiça, violência gratuita e diletante de gangs, tríades, etc.

A liberdade não equivale a livre arbítrio, porque ela significa a capacidade da pessoa para seguir ou obedecer à norma base da ética ou moral e que é o "faz o bem, evita o mal", ou seja, a capacidade pessoal para orientar todos os movimentos e forças concertadamente para o bem, especificado em valores concretos.

Entendida nesta sua verdadeira aceção, a ética, podemos dizer que a este nível os problemas se tornam bem diferentes para a Inteligência Artificial, já que o problema ético é, verdadeiramente, o "seu calcanhar de Aquiles" pois, apesar de todos os esforços e projetos desenvolvidos e propostos como hipótese, este é o problema basilar da Inteligência Artificial na sua pretensa equiparação à pessoa humana enquanto ser ético. E isto não somente na capacidade evolutiva das pessoas e sociedades no sentido de se irem tornando livremente mais éticas, mas também no sentido da sua capacidade de reformulação readquirindo o mundo ético muitas vezes degradado, depauperado ou mesmo perdido ou destruído por vontades de poder autoritárias, sedutoras ou violentas. Isto significa, como nos é testemunhado tantas vezes pela História da Humanidade que a nível

pessoal há situações indiscutíveis de conversão ou mudança de atitudes em que pessoas agindo livremente direcionadas ao mal, reconhecem o seu erro e arrependendo-se, passam a agir de forma totalmente diferente, isto é, direcionando-se livremente para o bem. E a nível social, quantas vezes a consciencialização civil juntamente com a sua ousadia e coragem não tem tido capacidade para mudar uma sociedade injusta, agressora, autoritária e centrada na vontade de poder eivada de tríades e gangs intimamente ligadas a um governo corrupto, numa sociedade verdadeiramente humanista e democrática?

A liberdade humana, eticamente considerada, permanece, a esta luz, sempre como um "plus" inominável mas concreto e real que, tal como a chama que ainda fumega ou como um resquício de brasa soterrada pela cinza, faz aparecer a "Fénix Renascida" com toda a sua força e pujança.

A liberdade humana, eticamente considerada, é uma realidade nunca totalmente vencida porque nunca destruída ou desaparecida do coração humano, já que nele está inscrita desde sempre incluindo nela a lei base de realização de cada um de nós como pessoa relacional com os outros rostos na base do amor qual dom de si mesmo e, por isso, uma liberdade eticamente aliada ao bem como um dinamismo amoroso que, qual dom de si mesmo, se expande obrigatoriamente em consciência devido à sua identidade mais profunda de abertura ao bem dos outros e não ao fechamento egocêntrico em si próprio, indiferente aos restantes rostos.

O nosso País, a nossa história de povo português soube ver, assumir e pôr em prática há cinquenta anos esta liberdade moral, reequacionando novos projetos e redefinindo novos rumos de dignidade humana e beleza, bem comum e justiça, política e economia, educação e saúde...acabando com corporativismos, perseguições, elitismos, corrupção, vontade de poder...

Foi a liberdade moral que gritou mais forte na sociedade civil e militar e conquistou o coração de todos os portugueses no sentido de mudar, com a consciência profunda de que onde há amor há dor, porque a liberdade ética assim o exige.

Por isso, todos cantaram o que ainda hoje é necessário continuar a cantar:

Vem ó Liberdade
Veículo do amor
Que não renega a dor
Na construção do bem.
Toma conta da grei.
E com a ousadia de ontem
Não deixes de recriar
A perene vontade de amar
Qual dom de si
Eterna lei
Vontade firme
De olhar o porvir
E convidar
Juntos a cantar
A liberdade de rir,
De chorar
E de sentir.

O 25 de Abril vivido pelo Correio de Coimbra

Miguel Cotrim

"Em 25 de Abril, com a vitória limpa e incruenta do Movimento das Forças Armadas aconteceu o que parecia impossível. No espaço de 24 horas, sem que as armas dos soldados fizessem uma gota de sangue, caiu de modo absoluto o regime ditatorial implantado há perto de cinquenta anos."

É desta forma que o diretor do Correio de Coimbra, na altura, o Cónego Urbano Duarte, iniciava a sua crónica semanal muito conhecida e apreciada, "Sintomas", na edição n.º 2596 de 2 de maio de 1974.

Ao revisitar esta memória, passados 50 anos, podemos sentir a sua admiração pelo sucedido, que apanhou todos de surpresa, até mesmo os jornalistas, mas também a sua preocupação em relação ao futuro. É um mundo novo para quem nunca viu a liberdade da escrita. Tudo o que se escrevera depois disso já não era censurado. "É a primeira vez que eu escrevo sem aquela habilidade a que o funil da censura obrigava", afirma num dos seus parágrafos ao fazer depois a seguinte alegoria: "E é também a primeira vez na vida de jornalista que, em praça tão ampla, quase não sei andar: o pé tanto entrou naquele sapato que ganhou o feitio do sapato!" Perante esta situação, o diretor faz uma introspeção e culpabiliza-se pelas ideias remetidas do anterior regime às redações dos jornais. Ao contrário de hoje, ninguém podia dizer mal do regime ou da pátria.

O pluralismo das ideias e a diferença de opiniões depressa começaram a emergir num Portugal mergulhado numa crise económica e financeira depois da perda das ex-colónias, e onde se verificava também no interior profundo uma grande taxa de analfabetismo. O cónego Urbano Duarte sabia disso e aconselha os leitores a deixarem de ter medo.

Na mesma edição é publicado um comunicado da Junta de Salvação Nacional, presidida pelo General António de Spínola (mais tarde Presidente da República) que propõe restituir ao povo as liberdades fundamentais ao qual o Correio de Coimbra apoia incondicionalmente, como se pode verificar numa nota introdutória.

Nos seus "Sintomas", o Cónego Urbano Duarte vai motivando os seus leitores para a política ativa. A política e a fé não estão dissociáveis, defende. "A fé não obriga a este ou aquele partido, mas obriga a que se tome partido", escreve numa das suas crónicas habituais. É necessário que todos tomem parte.

Nesse extenso comunicado, a Junta de Salvação Nacional propõe constituir a curto prazo a constituição de um governo provisório civil para que num espaço de um ano possa decretar eleições legislativas. Nesse mesmo texto é referida a destituição de todos os governadores civis no continente, dos governadores dos distritos autónomos nas ilhas adjacentes e governadores gerais nas províncias ultramarinas, bem como a extinção imediata da Acção Nacional Popular.

Perante os tempos conturbados, onde faltava o pão para se pôr na mesa, vivem-se momentos de mudança favoráveis restituindo a esperança aos portugueses. Essas mudanças fizeram-se logo sentir em Coimbra com a destituição do Reitor da

Universidade, os diretores das Faculdades, o Governador Civil e o Comandante da Região Militar, tendo sido destaque de primeira página no jornal.

Nas edições seguintes há uma expetativa de ansiedade em relação ao futuro. Nos seus "Sintomas", o Cónego Urbano Duarte vai motivando os seus leitores para a política ativa. A política e a fé não estão dissociáveis, defende. "A fé não obriga a este ou aquele partido, mas obriga a que se tome partido", escreve numa das suas crónicas habituais. É necessário que todos tomem parte. Na constituição de novos movimentos partidários que se estavam a formar dizia que "a fé não se mostre nos nomes cristãos que usam os partidos, mas nos problemas básicos em que pegam com ambas as mãos". A nobreza da política está no serviço à comunidade, à sociedade, ao país. E quem o fizer está literalmente em consonância com o Evangelho, mesmo que não saiba ou não queira.

Perante uma alteração política que se estava a desenhar, os bispos portugueses fazem chegar às redações dos jornais uma nota pastoral onde recordam a Carta Pastoral por ocasião do décimo aniversário da publicação da Encíclica "Pacem in Terris" e o vigésimo quinto da declaração dos Direitos do Homem. Essa Nota Pastoral foi publicada no Correio de Coimbra n.º 2601 de 6 de junho de 1974.

A Nota Pastoral começa por lembrar a missão e competência da Igreja no campo dos problemas da sociedade humana e, dentro dela, o papel diverso e complementar que pertence à hierarquia e ao laicado. Depois, guiando-se pelo texto da "Pacem in Terris", aborda o tema sempre atual dos direitos humanos. Num terceiro capítulo, trata da participação política-social, em pluralismo de opções legítimas e na responsabilidade dos cidadãos. Daí, os bispos terem recomendado a sua leitura à luz dos recentes acontecimentos.

Perante um clima de instabilidade, sem muitos saberem quais seriam as circunstâncias futuras, os bispos manifestam a sua esperança em relação ao tempo presente, depositando confiança nos leigos "para a edificação de uma ordem social, assente na verdade, na Justiça, na Liberdade, no Amor e na Paz". A Igreja mantém a sua identidade através das mudanças históricas, mesmo quando por elas é afetada. "Não lhe são indiferentes as formas de estruturação da vida social, embora lhe não caiba propor modelos concretos e soluções técnicas para a sua efetivação", informa ainda o comunicado. Mas, por outro lado, a nota refere que cabe aos leigos "participar generosamente neste esforço comum" pela sua vocação humana e cristã. Aos sacerdotes, é recomendado que se abstenham de participar ou de liderar qualquer movimento político. Aos cristãos ou aos movimentos políticos é pedido que não reivindiquem, de modo exclusivo, para a sua opinião, a autoridade da Igreja.

Os bispos portugueses concluem a nota pastoral apelando aos portugueses para que construam o seu presente e o seu futuro no progresso, na harmonia (sem ódios, vinganças e lutas) e na paz.

Ao revisitar estas memórias, com toda esta motivação pós 25 de Abril de 1974, verificamos que paira na sociedade e na Igreja em geral muitas dúvidas quanto ao futuro. Para além da pobreza instalada, da falta de trabalho, com o regresso massivo daqueles que eram chamados "retornados" das nossas ex-colónias, muitos foram "obrigados" a emigrar. A Igreja lá ia fazendo o seu caminho, sem querer envolver-se muito na situação atual, procurando dar assistência aos mais desfavorecidos...

O que ficou da Teologia da Libertação?

Carlos Neves

Poucos anos antes de se dar o 25 de Abril em Portugal, um livro de Gustavo Gutiérrez Merino – padre dominicano, peruano e com sangue autóctone – dava nome a uma das mais controversas perspetivas na teologia católica do séc. XX: "Teologia da Libertação" (1971).

Por motivos de proximidade histórica e de valores partilhados, a evocação do 25 de Abril, a partir de uma perspetiva da fé cristã, ganha também, na minha opinião, em perguntar-se: "o que ficou da Teologia da Libertação?". No fundo, é perguntar-se que consciência da liberdade como "processo histórico", e não só como "ontologia", ficou na consciência eclesial decorridas estas décadas.

Para ser direto, a pergunta não tem resposta, porque é impossível separar a teologia da libertação de todo o corpo teológico da América Latina: "A Teologia Latino-Americana e Caribenha é construída com e por várias mãos, com e por vários rostos; bebendo do poço da Bíblia a partir de uma leitura popular, por um lado, e de uma pesquisa académica abundante e perseguida por outro; bebendo do poço do Concílio Ecuménico Vaticano II, do Pacto das Catacumbas da Igreja Servidora e Pobre, dos Mártires da Caminhada, da atualização do Vaticano II pela Conferência de Medellín e pela Opção pelos Pobres na Conferência de Puebla..."[1].

Para dificultar a tarefa, a teologia da Igreja universal, hoje, é ela própria inextrincável da teologia da América Latina! "Em sintonia com a Igreja em Saída sugerida e querida pelo Papa Francisco, estão a ser lançadas sementes neste chão adubado com o sangue de mulheres e homens, que, no seguimento a Jesus de Nazaré, assumem, sem medo, todos os riscos e consequências, são testemunhas fiéis do que pede o Evangelho, são herdeiros de uma pedagogia e de uma prática libertadora"[2].

Percebemos, por isso, que há frutos da teologia da libertação que estão aí! Talvez até muito mais do que aquilo que, na nossa eurorreferencialidade, supomos ou gostaríamos. Mas é inglório tentar dizer que é este ou aquele. Por isso, prefiro fugir à pergunta legítima do título, e sublinhar antes alguns traços da teologia da libertação que, na minha opinião, prevalecem ou devem prevalecer, à hora de considerar "uma reflexão crítica sobre a experiência cristã de Deus, do ser humano e do mundo" (L. Boff).

Por motivos de proximidade histórica e de valores partilhados, a evocação do 25 de Abril, a partir de uma perspetiva da fé cristã, ganha também em perguntar-se: "o que ficou da Teologia da Libertação?". No fundo, é perguntar-se que consciência da liberdade como "processo histórico", e não só como "ontologia", ficou na consciência eclesial decorridas estas décadas.

[1] Emerson Sbardelotti, "De Medellín a Puebla: uma Igreja em saída".
[2] Idem

Primeiro, a Revelação. O povo de Deus, autoconsciente de si mesmo como tal, nasce de um gesto libertador de Deus, que olha e escuta o sofrimento do povo hebraico na escravidão do Egito e intervém para o libertar. Esse gesto libertador de Deus culmina e absolutiza-se na ressurreição de Jesus de Nazaré. Medellín (1968), de cujo Documento final, curiosamente, Gutiérrez foi um dos redatores do rascunho inicial (três anos antes do livro "Teologia da Libertação"), confirma-o: "A maior certeza do Documento de Medellín é que a libertação do Ressuscitado é o fundamento da educação, de todos os tipos de educação durante o processo de construção do ser humano"[3]. E contra o paradigma da desmitologização de Bultmann, dominante em toda a teologia europeia, mesmo na católica, a teologia da libertação voltou a pôr-nos nas mãos as cenas cruas dos evangelhos e a propor-nos a sua discussão despretensiosa como caminho de vida para a atualidade.

Em segundo lugar, a eclesialidade. O fundamento, claro, é o Concílio Vaticano II, que redignifica o sacerdócio comum dos fiéis e valoriza as imagens da Igreja como Povo de Deus e Sacramento de Salvação, as duas imagens mais intensamente apropriadas pela teologia da libertação. Mas quando a teologia da libertação surge, já havia no terreno latino-americano uma realidade eclesial nova, as chamadas Comunidades Eclesiais de Base, que partiam de grupos de pessoas, lideradas por catequistas, sacerdotes, religiosos, leigos mais conscientes, e que refletiam e celebravam a sua fé – com o evangelho nas mãos, e em atitude de compromisso com a realidade circundante. É uma igreja dos últimos, das periferias, que a teologia da libertação traz para o centro. A teologia da libertação assume e cria um quadro teórico-doutrinal para estas experiências eclesiais populares, valorizando-as.

Por outro lado, nesta dimensão da eclesialidade, Leornardo Boff escreve um livro ("Igreja, carisma e poder"), que justifica só por si, por parte da Congregação da Doutrina da Fé, primeiro "algumas reservas, convidando-o a aceitá-las e oferecendo-lhe, ao mesmo tempo, a possibilidade de um diálogo de esclarecimento", e depois uma "Notificação" (1985). Outros enfoques – sobretudo a proximidade à leitura marxista da história, ou a memória de Camilo Torres, que trocara a batina por armas – trazem o conflito entre Roma e a Teologia da Libertação para o primeiro plano, resultando daí a ideia de uma oposição entre a teologia da libertação e a Igreja oficial. Este mal-estar estende-se a outros teólogos. Mas continua a ser certo que a grande maioria dos livros da teologia da libertação são sobre a Igreja e que o interesse no aprofundamento da eclesiologia, mesmo entre nós, em muito fica devedora da mesma.

Em terceiro lugar, a espiritualidade. Puxo a espiritualidade para terceiro lugar porque pesa sobre a teologia da libertação a grande crítica de ter perdido esta dimensão. Numa entrevista de 2017 à Religión Digital, Gutiérrez defende-se ainda mais uma vez desta acusação, dizendo: "[na teologia da libertação, a espiritualidade] é fundamental, entendida como um estilo de vida e uma maneira de ser. Como dizia Chenu: 'por trás da teologia está a espiritualidade'. Espiritualidade como comportamento e como prática. A mensagem cristã é como carne congelada: está aí, mas não é possível comê-la. É preciso descongelá-la, isto é, colocá-la na realidade. Como disse Simone Weil: 'se queres saber se uma pessoa acredita em Deus, não olhes para o que ela diz sobre Ele, mas para o que ela diz sobre o mundo'. Ou como assinala Nicolás Berdiaeff: 'se tenho fome, para mim isso é um problema material; se é outra pessoa que tem fome, para mim isso é um problema espiritual'".

Reconheço que o "estilo" destes teólogos é duro e que as imagens cruas a que recorrem ferem muitas vezes a nossa sensibilidade. Mas no conteúdo, um famoso teólogo português afirmou rigorosamente a mesma coisa este fim de semana em Coimbra e toda a gente na assembleia lhe bateu palmas!

[3] Idem

Em quarto lugar, e intrinsecamente ligado à espiritualidade incarnada, o martírio. Gutiérrez dedica o seu livro "Teologia da Libertação" ao padre Henrique Pereira Neto, assassinado no Recife, em 26 de maio de 1969. Em rigor, este foi um tempo de martírio para toda a América Latina, sujeita a ditaduras militares, em conluio com grandes interesses económicos que assassinaram cristãos um pouco por todo o lado. Um desses mártires, em 11 de outubro de 1976, foi o jesuíta João Bosco, abatido talvez por ter sido confundido com D. Pedro Casaldáliga, de quem era grande amigo e cooperador. Isto levou a que o Bispo Casaldáliga edificasse o Santuário ecuménico – sublinho, ecuménico - dos Mártires da Caminhada, que se tornou um ícone da igreja latino-americana, na consciência de que "um povo ou uma Igreja que esquece os seus mártires não merece sobreviver" (Casaldáliga). O templo, hoje, está cheio de retratos de homens e mulheres assassinados por terem agido em favor dos pobres; e é local de peregrinação internacional – a Romaria dos Mártires da Caminhada – de cinco em cinco anos. Será oportuno recordar aqui aquele pensamento de Pascal sobre o martírio como testemunho do Ressuscitado: 'acredito piamente em quem testemunha com o sangue da vida'.

Em quinto lugar, o compromisso. O compromisso com os pobres, em Igreja, um compromisso não teórico, mas existencial. O melhor paradigma são os bispos do Pacto das Catacumbas da Igreja Servidora e Pobre, que firmam esse compromisso de viver no despojamento no decorrer do Concílio. Casaldáliga expressa este despojamento de forma liminar: "nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar, nada matar". E foi assim que viveu até ao fim. Do meu ponto de vista, o compromisso com os pobres e na pobreza é um valor perene da teologia da libertação.

Mais difíceis são outros dois pontos. Primeiro, a questão ética, com a introdução das ideias de estruturas de pecado e pecado social. Não sei se as expressões são originárias daqueles teólogos, mas foram eles quem lhes deu a necessária relevância, com ecos imediatos na Conferência de Puebla (1979). Reagindo a esta ideia, a Congregação da Doutrina da Fé escreve na "Instrução sobre alguns aspetos da 'Teologia da Libertação'" (1984): "Não se obterão mudanças sociais que estejam realmente ao serviço do homem senão fazendo apelo às capacidades éticas da pessoa e à constante necessidade de conversão interior" (XI- Orientação, nº 8). No mesmo ano (1984), João Paulo II reagia, quase escandalizado, à omnipresença da expressão "pecado social" tanto nos trabalhos preparatórios como no próprio Sínodo de 1983! Mas isso apenas significa que, ao menos a expressão "pecado social", se tinha entranhado no pensamento eclesial! Mantendo com João Paulo II que "as verdadeiras responsabilidades continuam a ser das pessoas, dado que a estrutura social enquanto tal não é sujeito de atos morais" (cf. audiência de 25 de agosto de 1999), havemos de reconhecer também com ele, na mesma catequese, que, "contudo, é um facto incontestável que a interdependência dos sistemas sociais, económicos e políticos, cria no mundo de hoje múltiplas estruturas de pecado".

A outra dificuldade é a contaminação marxista que a teologia da libertação sofreu, não só do ponto de vista da leitura "científica" da história, mas também, nalguns casos, no apelo revolucionário. Muita da argumentação da Congregação da Doutrina da Fé contra a teologia da libertação tinha como centro esta contaminação, reagindo particularmente à ideia de que mudando as "estruturas" se mudariam as pessoas, enquanto o pensamento da Congregação ia exatamente no sentido contrário. Do meu ponto de vista, foi um excesso da teologia da libertação. Mesmo assim, cumpre dizer que os próprios documentos da Congregação da Doutrina da Fé, pela exigência do rigor doutrinal e teológico que esta questão implicou, colocaram a liberdade e a libertação na mesa da discussão, e também isso é, afinal, um fruto indireto daquela teologia!

Houve, porém, uma corrente da teologia da América Latina, centrada na Argentina, que veio a ser chamada de "Teologia do Povo", herdeira da teologia da libertação, mas que se diferenciou desta basicamente em duas dimensões: purificou-a da tal análise marxista, privilegiando a conversão das pessoas à mudança das estruturas, por um lado, e aprofundou, por outro lado, o lugar do "povo" não só como recetor da evangelização e da libertação, mas como cons-

trutor, ele próprio, de teologia e de libertação. Se quisermos, assumindo o "povo de Deus" como verdadeiro lugar teológico, na linha do Vaticano II. O jesuíta Juan Carlos Scannone, em resposta numa entrevista à pergunta: "o que diferencia a teologia do povo da teologia da libertação?", responde assim: "Uma revalorização da cultura e da religiosidade popular, tanto argentina quanto latino-americana. Daí o nome de Teologia do Povo (embora quem a chamou assim pela primeira vez foi um teólogo uruguaio que a criticava, Juan Luis Segundo). Fala-se do povo como sujeito histórico-cultural, e da religiosidade popular como uma forma inculturada de fé cristã católica no povo argentino e latino-americano. É uma linha que privilegia mais a análise histórico-cultural do que a sócio-estrutural"[4]. É também Scannone, que foi professor de Jorge Mario Bergoglio, quem afirma haver uma influência direta da "teologia do povo" no pontificado do Papa Francisco. A mostrá-lo, para não ir mais longe, Esteban Pittaro, num artigo na Aleteia[5], faz notar que a palavra "povo" aparece 164 vezes na "Evangelii gaudium"! Nesse mesmo artigo, afirma: "O povo de Deus e os povos da terra" são temas centrais na Teologia do Povo. A cultura tem um papel fundamental nesta reflexão, porque é a partir da cultura que se concebe esse povo. «Daí a importância que tem para a Teologia do Povo a evangelização da cultura e a inculturação do Evangelho; é uma questão teológica e pastoral, e isso é muito Bergoglio», afirma Scannone".

A minha conclusão é: uma Igreja que não se esquece dos pobres, uma Igreja em saída, uma Igreja hospital-de-campanha, uma Igreja que condena o seu próprio clericalismo, uma Igreja que põe as periferias no centro e denuncia a economia que mata, uma Igreja que se pergunta como ser sinodal, uma Igreja que insistentemente se põe à escuta do povo e quer sentir o cheiro das suas ovelhas, uma Igreja que quer as igrejas abertas..., nalgum lado se há cruzar com aqueles traços marcantes bebidos em grande grau da teologia da libertação, que entretece toda a teologia latino-americana. E esta é... a nossa Igreja.

[4] https://www.ihu.unisinos.br/noticias/522076-a-teologia-do-povo-entrevista-com-juan-carlos-scannone%20
[5] https://pt.aleteia.org/2014/01/29/a-teologia-do-povo-no-papa-francisco/

NOTA PASTORAL

Na comemoração dos cinquenta anos do "25 de Abril"

Conferência Episcopal Portuguesa

1 Na comemoração do cinquentenário da Revolução de 25 de Abril de 1974 cabe aos Bispos de Portugal uma palavra que, sendo de congratulação, também seja de reflexão e revisão do caminho percorrido pela sociedade portuguesa, de que a Igreja faz parte.

Saudando todos quantos bem serviram e servem o país no sustento da democracia política e no desenvolvimento social e solidário, será também oportuno lembrar o que a Conferência Episcopal Portuguesa publicou em duas cartas pastorais de antes e depois da data que comemoramos. É o que fazemos aqui com brevidade, por ser um método simples e concreto de revermos o que se propôs, o que se conseguiu e o que falta.

2 Primeiramente a *Carta Pastoral no décimo aniversário da "Pacem in Terris"*, de 4 de maio de 1973, aplicando a Portugal os tópicos fundamentais da encíclica que S. João XXIII dedicara ao tema dos direitos humanos e da reta organização da vida social.

Não ignorando o que se fizera para dotar o país de mais riqueza, cultura, previdência e assistência, os Bispos acrescentavam palavras que cabe reproduzir, dada a precisão do diagnóstico, quase um ano antes do "25 de Abril": «Não podemos descansar enquanto a expansão económica favorecer desmedidamente alguns, sem proporcionar a todos os cidadãos a parte equitativa que lhes cabe na produção e distribuição dos bens. Não poderemos deter-nos, no caminho do progresso, enquanto a agricultura continuar a ser um setor deprimido no confronto com a indústria e os serviços, enquanto as possibilidades de acesso à educação e à cultura não estiverem generalizadas a todos os portugueses, enquanto houver quem se sinta indefeso perante a doença e a velhice, enquanto os verdadeiros padrões de vida moral e cívica não impregnarem a sociedade inteira e lhe constituírem a autêntica armadura defensiva».

Uma "armadura defensiva" que requeria, segundo os Bispos, a maior participação de todos, incluindo pluralismo político, eleições livres, meios de comunicação igualmente livres e responsáveis e processos ética e juridicamente irrepreensíveis de manter a segurança.

Diretrizes assim prepararam certamente quem as recebeu para a situação que adviria um ano depois graças ao Movimento das Forças Armadas, cujo programa coincidia em boa parte com os referidos pontos da Carta Pastoral. Aliás, o "25 de Abril" traduzia também a vontade de terminar com a guerra ultramarina, cada vez mais insuportável para a população em geral e contestada por muitos católicos politicamente ativos.

3 Mais desenvolvida foi a *Carta Pastoral sobre o contributo dos cristãos para a vida social e política,* de 16 de julho de 1974, na qual os Bispos respondiam aos apelos entretanto recebidos para darem uma palavra de orientação naquele «momento de profundas mutações na vida do Povo português».

Assim fizeram, aludindo ao fim de dois períodos históricos, a saber, o do anterior regime e o do império ultramarino, com o que tal exigia de redefinição nacional. Referiam depois "claros e escuros" no que se passara desde abril, com a exaltação das liberdades cívicas e o fim do ostracismo internacional que sofríamos; e também com excessos que os Bispos reprovavam, mas não queriam sobrevalorizar por surgirem em fases de grande mutação social, a superar depois.

O documento episcopal apresentava igualmente o "conceito cristão de democracia", que «parte da ideia do homem como pessoa, livre e responsável com destino próprio e transcendente, mas essencialmente solidário com os outros homens». Daqui que devesse ser respeitado nas suas agregações naturais ou solidárias, a começar pela família, sendo apoiado e não substituído pelo Estado, servidor do bem comum de todos.

Prosseguindo com as opções partidárias e esclarecendo as diferentes ideias que as suportavam, os Bispos concluíam com um apelo veemente à participação dos católicos na vida nacional a refazer: «Apelamos, pois, para a presença ativa dos católicos, ao lado de todos os homens de boa vontade, nas primeiras linhas da luta pelo Portugal de amanhã: nos partidos, sim, mas também nos sindicatos, nos meios de comunicação social, nos centros de cultura, etc.».

4 Passado meio século, podemos e devemos reconhecer tudo quanto se conseguiu de positivo no Portugal democrático, a começar pela liberdade política, o fim da guerra em África e a dedicação cívica de tantos, das autarquias ao Estado, da vida nacional à integração europeia. Estabilizada a situação no novo quadro constitucional, muito se conseguiu para responder a várias necessidades da altura ou depois surgidas – e muita participação houve também por parte de católicos politicamente comprometidos e de instituições de solidariedade social ligadas à Igreja.

Este mesmo impulso solidário, que ganhámos em cinquenta anos de vida democrática, é o que nos levará a todos, cidadãos dum país entretanto enriquecido com populações advindas doutros espaços e culturas, a atingir novas metas nos campos da família, da habitação e do trabalho, da educação e da saúde e de tudo o que garanta uma vida digna a quantos somos hoje e seremos amanhã. Vida devidamente respeitada e acompanhada em todas as suas fases e circunstâncias, da conceção à morte natural.

Retomemos as intenções dos autores do "25 de Abril", no sentido da democratização do país, do fim da guerra e do desenvolvimento geral. Intenções que nos continuam a reclamar nos dias de hoje.

No que à democracia diz respeito, necessário é que ela conte com a liberdade e a responsabilidade dos cidadãos, devidamente respeitados e estimulados para o incremento do bem comum. Tal apenas se consegue quando da família à escola e à vida social aprendamos a concertar a legítima diversidade de opiniões com a finalidade comum do bem de todos.

Este mesmo impulso solidário, que ganhámos em cinquenta anos de vida democrática, é o que nos levará a todos, cidadãos dum país entretanto enriquecido com populações advindas doutros espaços e culturas, a atingir novas metas nos campos da família, da habitação e do trabalho, da educação e da saúde e de tudo o que garanta uma vida digna a quantos somos hoje e seremos amanhã.

No que à paz diz respeito, lembremos que ela é fruto da justiça, dando a cada um o que lhe é devido para viver e conviver dignamente. Isto mesmo a nível pessoal e também de grupos sociais, étnicos ou povos, todos com direito à respetiva identidade e autonomia.

Quanto ao desenvolvimento, lembremos que ele se ativa em cada pessoa, respeitada e atendida no que requer para ser livre, criativa e responsável nas diversas projeções do seu ser. Esta finalidade do desenvolvimento de todos e de cada um constitui o verdadeiro objetivo da ação política e não pode garantir-se quando ela encubra ambições de entidades ou grupos, económicos ou ideológicos, nacionais ou internacionais que sejam.

Neste momento comemorativo do "25 de Abril" também os quatro princípios permanentes da Doutrina Social da Igreja – dignidade da pessoa humana, bem comum, subsidiariedade e solidariedade – nos levarão a prosseguir na senda então aberta.

Fátima, 11 de abril de 2024

LITURGIA

PALAVRA DE DEUS

5º DOMINGO DA PÁSCOA

28 de abril de 2024

Ano B

Leitura dos Atos dos Apóstolos At 9, 26-31

Naqueles dias, Saulo chegou a Jerusalém e procurava juntar-se aos discípulos. Mas todos o temiam, por não acreditarem que fosse discípulo. Então, Barnabé tomou-o consigo, levou-o aos Apóstolos e contou-lhes como Saulo, no caminho, tinha visto o Senhor, que lhe tinha falado, e como em Damasco tinha pregado com firmeza em nome de Jesus. A partir desse dia, Saulo ficou com eles em Jerusalém e falava com firmeza no nome do Senhor. Conversava e discutia também com os helenistas, mas estes procuravam dar-lhe a morte. Ao saberem disto, os irmãos levaram-no para Cesareia e fizeram-no seguir para Tarso. Entretanto, a Igreja gozava de paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria, edificando-se e vivendo no temor do Senhor e ia crescendo com a assistência do Espírito Santo.

Salmo Responsorial Sl 21

Eu Vos louvo, Senhor, na assembleia dos justos.

Leitura da Primeira Epístola de São João 1Jo 3, 18-24

Meus filhos, não amemos com palavras e com a língua, mas com obras e em verdade. Deste modo saberemos que somos da verdade e tranquiliza-

VOLTAR AO ÍNDICE

remos o nosso coração diante de Deus; porque, se o nosso coração nos acusar, Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas. Caríssimos, se o coração não nos acusa, tenhamos confiança diante de Deus e receberemos d'Ele tudo o que Lhe pedirmos, porque cumprimos os seus mandamentos e fazemos o que Lhe é agradável. É este o seu mandamento: acreditar no nome de seu Filho, Jesus Cristo, e amar-nos uns aos outros, como Ele nos mandou. Quem observa os seus mandamentos permanece em Deus e Deus nele. E sabemos que permanece em nós pelo Espírito que nos concedeu.

Aleluia

Jo 15, 4a.5b

Diz o Senhor:
«Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós; quem permanece em Mim dá muito fruto»

Evangelho segundo São João

Jo 15, 1-8

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Eu sou a verdadeira vide e meu Pai é o agricultor. Ele corta todo o ramo que está em Mim e não dá fruto e limpa todo aquele que dá fruto, para que dê ainda mais fruto. Vós já estais limpos, por causa da palavra que vos anunciei. Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a videira, vós sois os ramos. Se alguém permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer. Se alguém não permanece em Mim, será lançado fora, como o ramo, e secará. Esses ramos, apanham-nos, lançam-nos ao fogo e eles ardem. Se permanecerdes em Mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e ser-vos-á concedido. A glória de meu Pai é que deis muito fruto. Então vos tornareis meus discípulos».

VOLTAR AO ÍNDICE

NEM SÓ DE PÃO
COMENTÁRIO À LITURGIA DOMINICAL

JOSÉ CUNHA

Permanecer na verdadeira vide

Na celebração deste 5º Domingo da Páscoa sobressai entre os textos litúrgicos o excerto do Evangelho segundo João (15,1-8), que está integrado na segunda parte deste mesmo Evangelho, ao longo da qual Jesus se revela aos seus no grande sinal da Ressurreição.

Jesus declara-se a verdadeira vide, cuidada pelo Pai, que só deixa na vide os ramos/sarmentos que dão fruto. Para nós, cristãos, está lançado o desafio maior: permanecer na vide.

A vida do dia a dia no mundo de hoje não facilita nada a permanência na videira. Precisamos de autenticidade e fé. A nossa vida do dia a dia tem de ter sentido (Como a vivemos? Para que a vivemos?). Só no encontro com Jesus Cristo conseguimos ser autênticos cristãos (pouco que o sejamos) por nos entregarmos a Ele. E é também nesse encontro que recebemos a fé que torna possível permanecermos em Jesus-vide como ramos vivos e produtivos. Ficamos limpos porque damos fruto.

Questões importantes, neste texto, são pois PERMANECER e COMO PERMANECER. Sem permanecermos em Jesus, iremos perdendo "seiva/vida" e definharemos. Só seremos verdadeiros cristãos em Cristo. Ora, seremos (re)conhecidos pelos frutos que dermos e só os daremos permanecendo como ramos bem vivos da videira. Portanto, temos de saber como permanecer na vide, ligados ao tronco. Quando permanecemos ativos e produtivos na videira, Jesus-tronco permanece em nós e tudo poderemos pedir porque estamos ligados ao Senhor. Pressupõe-se, assim, que a permanência está ligada à oração (pedir, agradecer, louvar a quem nos dá a vida e a graça; partilhar com Ele a alegria de viver ativamente a fé, a confiança no Deus Amor, que nos ampara e nos salva). Com Ele podemos tudo. E Jesus precisa que a nossa vida do dia a dia seja um testemunho da vida que nos dá, porque ressuscitou e, no Pai, tem esse poder. É o testemunho da nossa vida concreta que faz o primeiro anúncio da Boa Nova. Ele precisa que sejamos autênticos na fé, dando por isso testemunho dEle na nossa vida, dando fruto, e anunciando a Palavra. Somos os continuadores da missão de Jesus, agora que já não o vemos com os olhos deste mundo – "se permanecerdes em Mim, Eu permanecerei em vós". É deste modo que o fruto que damos é o que Jesus quer que demos – o amor, na bondade, na caridade, na paz de Cristo.

Maria deu sempre testemunho de Cristo. Mais do que qualquer cristão, ela permaneceu na vide e foi o ramo que mais fruto deu. O seu SIM na Anunciação, como todos os outros SIM que foi dizendo ao longo da sua vida, tanto nos momentos de alegria como na tristeza e no sofrimento, são a prova da fé autêntica que punha em Deus, o que a manteve sempre ligada ao tronco da videira. Ela sabia que com a fé, o amor, a bondade, a caridade, a paz de Deus, tudo podia pela oração e pela vida de testemunho. Nenhum ser humano sofreu mais do que Maria; nenhum ser humano teve maiores alegrias do que ela. Ninguém como ela permaneceu em Deus e deu fruto. É por isso que o Papa Francisco no-la propõe como modelo em todas as circunstâncias e também a propósito desta proposta que Jesus nos fez: Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós.

Que a nossa vida do dia a dia passe a ser orientada pelo "relógio" de Deus e pela "agenda" de Cristo, com autenticidade na fé e no testemunho.

VOLTAR AO ÍNDICE

CÂNTICOS

SEXTO DOMINGO DA PÁSCOA

5 de maio de 2024

Ano B

O que cantamos em:

MIDÕES

Com o contributo de
Ana Paula Neves

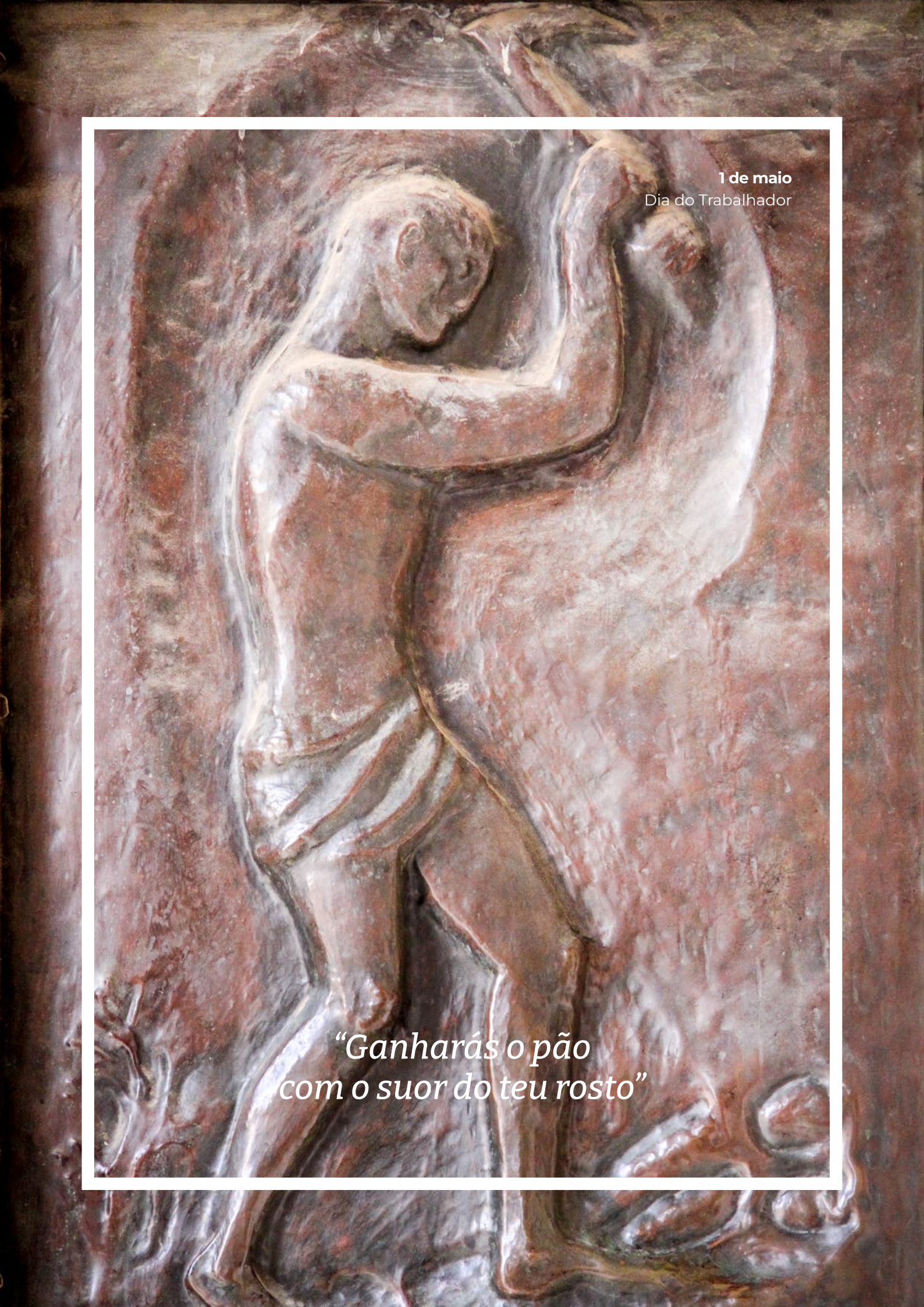
Entrada
Cantai ao Senhor, um cantico novo | NCT 211

Apresentação dos dons
Tudo vos damos | NCT 252

Comunhão
O amor de Deus | NCT 380

Pós-comunhão
Deus é amor | NCT 388

Final
Senhora um dia descestes | NCT 625

SEIXO DE MIRA

Com o contributo de
Margarida Oliveira

Entrada
Anunciai com voz de júbilo (Az. Oliveira)

Apresentação dos dons
Se cumprirdes os meus mandamentos (C. Silva)

Comunhão
Vós sereis meus amigos (M. Luís)

Pós-Comunhão
Não fostes vós que Me escolhestes (Az. Oliveira)

Final
Regina Caeli (Gregroriano)

SOURE

Com o contributo de
Jorge Sousa Pereira

Entrada
Nasceu o Sol da Páscoa gloriosa | CNL 639

Salmo Responsorial
Diante dos povos manifestou Deus a salvação

Apresentação dos dons
Em redor do Teu altar | CNL 398

Comunhão
Vós sereis meus amigos | CNL 1024

Pós-comunhão
Não fostes vós que Me escolhestes | CNL 638

Final
Se vos amardes uns aos outros | CNL 902.

1 de maio
Dia do Trabalhador
*“Ganharás o pão
com o suor do teu rosto”*

ESPIRITUALIDADE

Uma avó portuguesa - uma imagem da Virgem

João Castelhano

Princípios duros de uma vida: família pobre… criada em famílias de acolhimento por ordem da Segurança Social, famílias onde Deus não tinha lugar… mas onde uma avó portuguesa, oferece um presente especial: uma imagem da Virgem. Diante dessa imagem começa uma relação especial, que vai lembrar vida fora! Enfermagem… trabalho… carreira… uma colega com fé ardente que a leva à missa, a um retiro… e a descoberta de um Deus apaixonado pelas suas criaturas! Caminhos e descaminhos… e novamente a necessidade de Deus, perante a desilusão das respostas humanas. Um padre acolhedor… mais uma cristã que não se fica em devoçõezinhas… uma preparação séria e… a grande revelação: O CRISMA. «Que alegria. Tomei consciência da minha dignidade! Agora, eu sei que, graças à sua ajuda e ao seu amor, tudo é possível». Quando me dei conta de que, com Cristo, tudo é possível? Quando tomei consciência da minha dignidade? Quantos, quantas desencaminhado/as encontrei na minha vida? Quantos convidei para ir comigo à missa, a um retiro, a um curso de preparação para o Batismo, para o Crisma?

Em 2016, embora afastada de toda a prática religiosa, senti desejo de rezar na igreja da minha aldeia. Um padre muito afável, todo vestido de verde, apresentou-se a mim: «Eu sou o Padre Veillon (vigiar) "como nós vigiamos"---». Foi assim o princípio de um caminho de fé cheio de delicadeza, numa vida com muitos fracassos, em que foi preciso dar provas de vigilância e perseverança.

Apesar de batizada, não conhecia nada de Deus. Na família, pobre, de quatro filhos, na qual cresci, Deus era um ausente. Todavia, no meu coração de criança fracassada pela miséria, eu tinha a intuição de que havia outro mundo, mais harmonioso. Nas famílias de acolhimento onde fui colocada pela Segurança Social, a labuta era tanta que não havia lugar para a espiritualidade. Salvo uma exceção: ficou-me a lembrança de uma avó portuguesa que fez questão de me oferecer uma imagem da Virgem, pendurada na parede, diante da qual eu me extasiava.

Depois do meu bacharelato, entusiasmada pelo meu trabalho de enfermeira, entrei ao serviço do Hospital de Orléans, na esperança de subir de escalão pouco a pouco. Uma colega, possuidora de uma fé ardente, levou-me à missa e a um retiro

na Comunidade das Bem-aventuranças. Eu estava tão mergulhada numa tal falta de amor, que a ideia de um Deus apaixonado pelas suas criaturas foi para mim extraordinária consolação. Mas tive dificuldade de me desembaraçar da imagem de um Padre Fouetard: tinha experimentado tanta falta de amor…

Ao encontrar alguém, em 2005, depressa esqueci o meu Senhor: o amor humano viria encher o meu vazio afetivo? Fui viver com ele para Rennes; mas eu era muito frágil para construir uma relação durável. Dez anos depois, voltei para Loire-en-Cher, minha região natal.

Em 2016, subitamente, senti necessidade de me recolher na Igreja. Encontrei-me com um padre que acabava de chegar. Na comunidade, uma paroquiana convidou-me para um grupo de oração. Tive consciência clara que, desta vez, não queria mais separar-me de Cristo. Parti do zero. As minhas conversas com os padres deram-me luz: eu não tinha sequer noção de pecado… Estava tão agitada interiormente, que tive de travar longo combate… até à confirmação em 2018. Mas que alegria! Até então, sentia-me tão medíocre, que colecionava fracassos. Agora, os meus medos ainda fazem algum obstáculo à Sua graça, mas eu sei que, com a Sua ajuda e o Seu amor, tudo é possível. Graças ao meu Senhor, tomei consciência da minha dignidade.

***Gwendoline,** 41 anos, Enfermeira*
– in «Prier» nº 454, Setembro de 2023

LAZZARO YOU HEUNG-SIK, PREFEITO DO DICASTÉRIO PARA O CLERO

Precisamos de padres que tenham maturidade psicológica, serenidade interior e equilíbrio emocional

Por ocasião do Dia Mundial de Oração pelas Vocações (21 de abril), Andrea Monda, da Vatican News, entrevistou para o L'Osservatore Romano o Cardeal Prefeito do Dicastério para o Clero, Lazzaro You Heung-sik.

Andrea Monda
O que é uma vocação?

Lazzaro You Heung-sik
Antes de pensar em qualquer dimensão religiosa ou espiritual, diria o seguinte: a vocação é essencialmente o chamamento a ser feliz, a assumir o controle da própria vida, a realizá-la plenamente e não a desperdiçar. Este é o primeiro desejo que Deus tem para cada homem e cada mulher, para cada um de nós: que a nossa vida não se apague, que não se perca, que possa brilhar no seu melhor. E, por isso, Ele se tornou próximo em Seu Filho Jesus e quer envolver-nos no abraço do Seu amor; assim, graças ao Batismo, tornamo-nos parte ativa desta história de amor e, quando nos sentimos amados e acompanhados, a nossa existência torna-se um caminho para a felicidade, para uma vida plena. Um caminho que depois se encarna e se realiza numa escolha de vida, numa missão específica e nas muitas situações de cada dia.

Mas como reconhecer uma vocação e que relação isso tem com os desejos?
A tradição rica da Igreja e a sabedoria da espiritualidade ensinam-nos muito sobre essa questão. Para sermos felizes – e a felicidade é a primeira vocação que todos os seres humanos têm em comum – é necessário que não cometamos erros nas nossas escolhas de vida, pelo menos nas fundamentais. E os primeiros sinais a seguir são precisamente os nossos desejos, o que sentimos no coração que pode ser bom para nós e, através de nós, para o mundo que nos rodeia. Porém, todos os dias experimentamos como nos enganamos, porque os nossos desejos nem sempre correspondem à verdade de quem somos; pode acontecer que sejam o resultado de uma visão parcial, que surjam de feridas ou frustrações, que sejam ditados por uma busca egoísta do próprio bem-estar ou, ainda, às vezes, chamarmos desejos ao que na verdade são ilusões. É, por isso, necessário o discernimento, que é em última análise a arte espiritual de compreender, com a

VOLTAR AO ÍNDICE

graça de Deus, o que devemos escolher na nossa vida. Discernir só é possível se nos escutarmos e escutarmos a presença de Deus dentro de nós, vencendo a tentação muito atual de fazer coincidir as nossas sensações com a verdade absoluta. Por isso, o Papa Francisco, no início das catequeses de quarta-feira dedicadas ao discernimento, nos convidou a fazer o esforço de mergulhar em nós mesmos e, ao mesmo tempo, a não esquecer a presença de Deus na nossa vida. Reconhece-se uma vocação quando colocamos em diálogo os nossos desejos profundos com a obra que a graça de Deus realiza em nós; graças a esta comparação, a noite das dúvidas e questionamentos, aos poucos, vai-se tornando clara, e o Senhor faz-nos entender o caminho a seguir.

Deus fez-se carne e, portanto, a vocação a que nos chama está sempre incarnada na nossa natureza humana. O mundo, a sociedade e a Igreja precisam de sacerdotes profundamente humanos, cujo traço espiritual se resume no mesmo estilo de Jesus: não uma espiritualidade que nos separa dos outros ou nos torna mestres frios de uma verdade abstrata, mas a capacidade de incarnar a proximidade de Deus com a humanidade, o Seu amor por cada criatura, a Sua compaixão por qualquer pessoa marcada pelas feridas da vida.

Este diálogo entre as dimensões humana e espiritual está cada vez mais no centro da formação dos sacerdotes. Em que passo estamos?

É um diálogo necessário e talvez algumas vezes o tenhamos negligenciado. Não devemos correr o risco de pensar que a dimensão espiritual pode desenvolver-se independentemente do humano, atribuindo assim uma espécie de "poder mágico" à graça de Deus. Deus fez-se carne e, portanto, a vocação a que nos chama está sempre incarnada na nossa natureza humana. O mundo, a sociedade e a Igreja precisam de sacerdotes profundamente humanos, cujo traço espiritual se resume no mesmo estilo de Jesus: não uma espiritualidade que nos separa dos outros ou nos torna mestres frios de uma verdade abstrata, mas a capacidade de incarnar a proximidade de Deus com a humanidade, o Seu amor por cada criatura, a Sua compaixão por qualquer pessoa marcada pelas feridas da vida. É por isso que precisamos de pessoas que, apesar de frágeis como todas as outras pessoas, na sua fragilidade tenham suficiente maturidade psicológica, serenidade interior e equilíbrio emocional.

Contudo, há muitos sacerdotes que vivem situações de dificuldade e sofrimento. O que me diz disso?

Em primeiro lugar, sinto isso muito. Dediquei quase toda a minha vida ao cuidado da formação sacerdotal, ao acompanhamento e proximidade dos sacerdotes. Hoje, como prefeito do Dicastério para o Clero, sinto-me ainda mais próximo dos sacerdotes, das suas esperanças e dos seus esforços. Há alguns elementos de preocupação porque em muitas partes do mundo existe um desconforto real na vida dos sacerdotes. A crise tem muitos aspetos, mas penso que antes de tudo precisamos de uma reflexão eclesial em duas frentes. A primeira: é preciso repensar a nossa forma de ser Igreja e de viver a missão cristã, na cooperação eficaz de todos os batizados, porque os sacerdotes estão muitas vezes sobrecarregados de trabalho, com as mesmas tarefas - não só pastorais, mas também jurídicas e administrativas – que tinham há muitos anos atrás, quando eram numericamente mais. Segunda questão: é preciso rever o perfil do sacerdote diocesano porque, apesar de não ser chamado à vida religiosa, deve redescobrir o valor sacramental da fraternidade, de sentir-se em casa no presbitério, junto com o bispo, com os seus colegas sacerdotes e com os fiéis, porque sobretudo nas dificuldades de hoje esta pertença pode apoiá-lo no serviço pastoral e proporcionar-lhe companhia quando a solidão se torna pesada. No entanto, há necessidade de uma nova mentalidade e de novos percursos de

formação, porque muitas vezes um sacerdote é educado para ser um líder solitário, um "único homem no comando", e isso não é bom. Somos pequenos e cheios de limitações, mas somos discípulos do Mestre. Movidos por ele podemos fazer muitas coisas. Não individualmente, mas juntos, sinodalmente. «Discípulos missionários – repete o Santo Padre – só podemos estar juntos».

Os padres estão "equipados" para lidar com a cultura de hoje?

Esse é um dos principais desafios que hoje enfrentamos, tanto na formação inicial como na contínua. Não nos podemos fechar em formas sagradas e fazer do sacerdote um simples administrador de ritos religiosos; hoje atravessamos um momento marcado por inúmeras crises globais, com alguns riscos ligados ao crescimento da violência, da guerra, da poluição ambiental, da crise económica, e tudo isso tem um impacto na vida das pessoas em termos de insegurança, de angústia, de medo do futuro. Por isso, há uma grande necessidade de sacerdotes e leigos capazes de levar a todos a alegria do Evangelho, como profecia de um mundo novo e bússola de orientação no caminho da vida. Somos sempre discípulos, mesmo quando somos diáconos, sacerdotes ou bispos há muitos anos. E o discípulo deve sempre aprender com o único Mestre que é Jesus.

Mas, na sua opinião, ainda vale a pena ser padre hoje?

Apesar de tudo, vale sempre a pena seguir o Senhor neste caminho, deixando-se seduzir por Ele, dedicando a vida ao Seu projeto. Podemos olhar para Maria, essa jovem de Nazaré que, apesar de perturbada pelo anúncio do anjo, escolhe arriscar a fascinante aventura do chamamento, tornando-se Mãe de Deus e Mãe da humanidade. Com o Senhor, nunca perdemos nada! E gostaria de dizer uma palavra a todos os sacerdotes, especialmente a quantos estão desanimados ou magoados neste momento: o Senhor nunca deixa falhar a sua promessa. Se Ele te chamou, não te faltará a ternura do Seu amor, a luz do Espírito, a alegria do coração. Ele há de manifestar-se de diferentes maneiras na tua vida sacerdotal. Gostaria que esta esperança chegasse aos sacerdotes, aos diáconos e aos seminaristas de todo o mundo, para os consolar e encorajar. Não estamos sozinhos, o Senhor está sempre connosco! E ele quer-nos felizes!

VOLTAR AO ÍNDICE

FRANCISCO AO FÓRUM CRISTÃO GLOBAL

Existe um vínculo intrínseco entre o ecumenismo e a missão cristã

Sob o tema "Para que o mundo saiba" (cf Jo 17,23b) decorreu em Acra (Gana), de 16 a 19 de abril, o quarto encontro mundial do Fórum Cristão Global (FCG). O Encontro contou com a presença de 240 participantes, de 60 países, pertencentes a diversas tradições cristãs (ortodoxos, católicos, protestantes, evangélicos, pentecostais, organizações ecuménicas independentes e internacionais). Esta diversidade – assinala o site do Dicastério para a Promoção da Unidade dos cristãos – "demonstra a amplitude e a riqueza da família cristã".

O programa incluiu celebrações conjuntas, estudo bíblico, comunicações teológicas e mesas redondas, "todas destinadas a identificar as possibilidades de dar testemunho comum de Cristo no mundo de hoje". Conforme a tradição do FCG, foi dado também grande destaque aos testemunhos pessoais e eclesiais. "Através de uma série de tópicos propostos todos os dias, os participantes exploraram o que significa para os cristãos de todo o mundo ser «Um em Deus», «Ferido na sua humanidade», «Curado através de Cristo» e «Enviado por Deus».

Como parte do programa, os participantes também visitaram o Castelo de Cape Coast, um dos "castelos de escravos" erguidos na Costa do Ouro da África Ocidental (atual Gana) por comerciantes europeus. Durante uma Cerimónia de Pedido de Perdão e Reconciliação, realizada na catedral metodista da cidade, os participantes reconheceram a cumplicidade de muitas igrejas no comércio de escravos, pediram perdão e apelaram à reconciliação.

Participaram ativamente 20 católicos, entre leigos, sacerdotes e membros de diversas comunidades religiosas e movimentos de diferentes continentes. Entre eles, o Padre Flavio Pace, Secretário do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos, que considerou o GCF um "fórum aberto", que permite que cristãos de diferentes tradições se encontrem regularmente, partilhem histórias pessoais e eclesiais de fé, e se fortaleçam para enfrentar os desafios e aspirações comuns e promover a unidade dos cristãos.

Coube também a Flavio Pace ler a Mensagem do Papa Francisco, que reproduzimos, dirigida ao Fórum:

"Saúdo cordialmente todos os participantes no Quarto Encontro Mundial do Fórum Cristão Global.

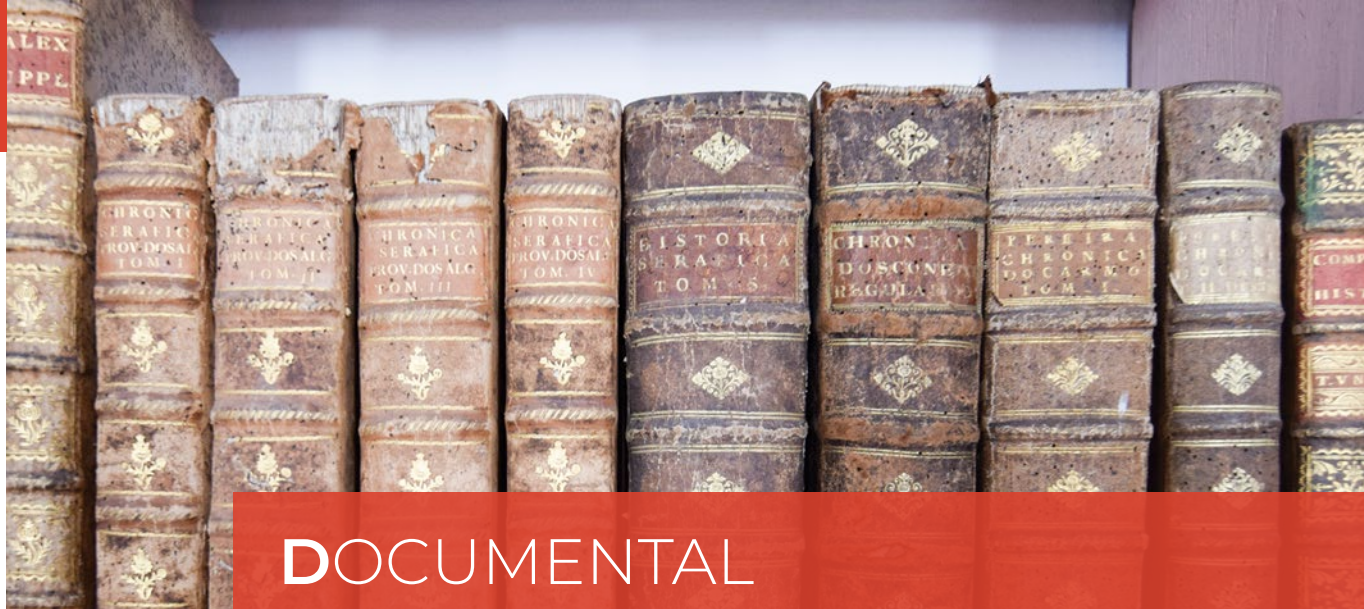
A vossa assembleia reúne participantes de todo o mundo, o que espelha um belo mosaico do cristianismo atual, com a sua diversidade rica, mas sempre fundado na nossa identidade partilhada como seguidores de Jesus Cristo.

O tema deste ano - "Para que o mundo saiba" (João 17:23b) - apela aos cristãos para que incorporem a unidade e o amor de Deus Trindade nas suas vidas pessoais e eclesiais, para que possam dar testemunho num mundo marcado pela divisão e pela rivalidade.

A unidade é um elemento indispensável para uma verdadeira compreensão do Reino de Deus. Como tal, existe um vínculo intrínseco entre o ecumenismo e a missão cristã. Ao longo da sua história, o Fórum Cristão Global contribuiu significativamente para a promoção deste vínculo, proporcionando um espaço no qual os membros, em particular aqueles de diferentes expressões históricas da fé cristã, crescem no respeito mútuo e na fraternidade, encontrando-se uns aos outros em Cristo.

Que este encontro, por ocasião das bodas de prata do Fórum, aprofunde a vossa fé e revitalize o vosso amor fraterno enquanto rezamos juntos, partilhamos as nossas histórias pessoais e abordamos os desafios que a comunidade cristã global enfrenta.

Invoco sobre todos vós as bênçãos de Deus Todo-Poderoso e rezo para que a reunião promova a unidade visível entre todos os cristãos".

VOLTAR AO ÍNDICE

DOCUMENTAL

SOBRE O ALARGAMENTO DA UNIÃO EUROPEIA

Uma mensagem forte de esperança para os cidadãos que procuram paz e justiça

Os bispos da COMECE (Comissão das Conferências Episcopais dos países da União Europeia) estiveram reunidos, de 17 a 19 de abril, em Łomża (Polónia), na sua Assembleia Plenária Anual. No final do encontro, emitiram um comunicado sobre os futuros alargamentos da UE, que traduzimos.

Nós, os bispos delegados pelas Conferências Episcopais da União Europeia (UE), reunidos na Assembleia Plenária da Primavera de 2024 da COMECE em Łomża (Polónia), celebrando o 20º aniversário do histórico alargamento da UE, aprovámos a seguinte Declaração:

A Igreja Católica tem acompanhado de perto o processo de integração europeia desde o seu início, considerando-o um processo de união dos povos e países da Europa numa comunidade para garantir a paz, a liberdade, a democracia, o Estado de direito, o respeito pelos direitos humanos e a prosperidade. Este processo, impulsionado com coragem pelos pais fundadores da União Europeia depois das terríveis guerras no nosso continente, baseou-se também em valores cristãos, como o reconhecimento da dignidade da pessoa humana, a subsidiariedade, a solidariedade e a prossecução do bem comum. No dia 1 de maio de 2004, dez novos Estados-Membros aderiram à EU. Esse foi um passo muito importante na concretização dessa visão de uma Europa unida que pudesse “respirar com os seus dois pulmões”, tal como como idealizou o Santo Papa João Paulo II, reunindo a Europa Oriental e a Ocidental numa comunidade de povos diferentes, mas ligados por uma história e um destino comuns. Esse alargamento foi um marco na europeização da UE, aproximando-a daquilo que ela é chamada a ser,

Apesar de uma sólida integração política e económica dos Estados-Membros da UE, pode-se questionar até que ponto ocorreu verdadeiramente nas sociedades europeias um diálogo genuíno de condições, culturas, experiências históricas e identidades nacionais.

e um poderoso testemunho dos nossos tempos de como a cooperação fraterna, na procura da paz e enraizada em valores partilhados, pode prevalecer sobre conflitos e divisões.

Uma União maior, mas também mais diversificada, também trouxe, no entanto, novos desafios. Apesar de uma sólida integração política e económica dos Estados-Membros da UE, pode-se questionar até que ponto ocorreu verdadeiramente nas sociedades europeias um diálogo genuíno de condições, culturas, experiências históricas e identidades nacionais. Enquanto não for plenamente desenvolvido um verdadeiro espírito europeu, que inclua um sentimento de pertença à mesma comunidade e de responsabilidade partilhada por ela, a confiança no seio da União Europeia pode ser prejudicada e a construção da unidade pode ser confrontada com tentativas de colocar interesses particulares e visões estreitas acima do bem comum.

Depois das crises dos últimos anos, que trouxeram uma certa «fadiga do alargamento», a guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia e os desenvolvimentos geopolíticos na vizinhança da UE criaram um novo impulso para futuras adesões à União, sobretudo nos países dos Balcãs e do Leste da Europa. Para além de ser uma necessidade geopolítica para a estabilidade no nosso continente, consideramos também que a perspetiva de uma futura adesão à UE é uma forte mensagem de esperança para os cidadãos dos diversos países candidatos e é uma resposta ao seu desejo de viver em paz e justiça. Nem podemos esquecer que estes países tiveram muitas vezes que suportar dificuldades e sacrifícios ao longo da sua história.

A adesão à UE é, no entanto, um processo a duas mãos. Os países que aspiram a uma futura adesão à UE precisam de continuar as necessárias reformas estruturais, sobretudo quanto ao Estado de direito, ao reforço das instituições democráticas, aos direitos fundamentais, incluindo a liberdade religiosa e a liberdade dos meios de comunicação social, bem como a luta contra a corrupção, combatendo o crime organizado. Ao mesmo tempo, da parte da União, um processo credível e justo de alargamento, centrado nos cidadãos, deve encorajar e responder adequadamente a estes esforços de reforma, evitando padrões duplos no tratamento dos países candidatos.

A credibilidade do processo de alargamento da UE também implica medidas concretas da própria União para se preparar para acolher os novos membros. A futura expansão da UE é uma oportunidade para renovar a ideia de uma Europa unida, enraizada na solidariedade prática, e para redescobrir com fidelidade criativa os grandes ideais que inspiraram a sua fundação.

Para além de ser uma necessidade geopolítica para a estabilidade no nosso continente, consideramos também que a perspetiva de uma futura adesão à UE é uma forte mensagem de esperança para os cidadãos dos diversos países candidatos e é uma resposta ao seu desejo de viver em paz e justiça. Nem podemos esquecer que estes países tiveram muitas vezes que suportar dificuldades e sacrifícios ao longo da sua história.

© Foto COMECE

Uma União alargada terá também de repensar as suas formas de governação, a fim de permitir que os seus membros e instituições atuem de forma atempada e eficaz. Além disso, qualquer ajusta-

mento dos quadros orçamentais, das políticas ou das áreas de cooperação deve ter em consideração o seu impacto nas pessoas, especialmente nos membros mais vulneráveis das sociedades dos atuais e futuros Estados-Membros.

Na esperança de que o processo de integração europeia avance, apelamos também a uma reflexão mais aprofundada sobre os nossos valores comuns e sobre os laços que nos unem como família europeia. Como disse o Papa Francisco no discurso à Assembleia da COMECE em março de 2023, "A Europa tem futuro se for verdadeiramente uma união", valorizando a unidade na diversidade. Os princípios da subsidiariedade e do respeito pelas diferentes tradições e culturas que em conjunto formam a Europa, seguindo a via da solidariedade contra as de imposição ideológica, são fundamentais. Como Igreja Católica, estamos prontos a dar o nosso contributo neste esforço.

Conscientes de que a história do processo de integração europeia, em grande parte, ainda está por escrever, confiamos o futuro do nosso querido continente a Nosso Senhor Jesus Cristo, Príncipe da Paz, por intercessão de Maria, Mãe da Igreja, e dos Santos Padroeiros da Europa, São Bento, Santos Cirilo e Metódio, Santa Brígida, Santa Catarina de Sena e Santa Teresa Benedita da Cruz.

AGENDA

25 ABR. CONVÍVIO

Primeiro anúncio
Passeio-convívio dos Cursos de Cristandade da Diocese de Coimbra.

26 ABR. CLARISSAS DO LOURIÇAL

Madre Maria do Lado
Celebração do aniversário da morte da Venerável Madre Maria do Lado.

27e28 ABR. FAMÍLIA

CPM Alto Mondego
Encontro para noivos, promovido pelos Centros de Preparação para o Matrimónio da Diocese, com a Equipa do Arciprestado do Alto Mondego.

1a3 MAI. PASSEIO

Movimento da Mensagem de Fátima
Passeio aos Picos da Europa, com passagem por Gijón, Lastres, Covadonga, Cangas de Onis, Oviedo e León. Mais informações: 962 695 861; 966 305 989.

Antanhol, Coimbra
Homenagem aos oleiros

«Alicerçados em Cristo, formamos comunidades de discípulos para o anúncio do Evangelho»

IGREJA VIVA

baixo mondego

NOTÍCIAS

Encontro de preparação para o Crisma

No sábado, dia 20 de abril, os jovens e adultos crismandos das paróquias da Unidade Pastoral Salvista do Baixo Mondego participaram no 4º encontro conjunto de preparação para o Crisma de 2023/2024, que decorreu na Portela de Tentúgal.

Estando em contexto pascal, o encontro incluiu momentos de oração, de canto e de reflexão sobre um texto do Evangelho e sobre o tema "a visão cristã do mundo e da vida", que foi dinamizado por Rogério Simões e Carmo Matias.

Os crismandos foram desafiados a identificar que frutos podem dar na sequência da escuta e do acolhimento da Palavra de Deus e, numa dinâmica de grupo com um jogo de palavras, a descobrir a missão a que somos chamados como cristãos, suportada pela Palavra de Deus, pela Fé, pela Oração e pelos Dons do Espírito Santo, e que se deverá traduzir na ação evangelizadora do anúncio do Reino de Deus e no testemunho de Jesus Cristo ressuscitado.

O encontro terminou com o cântico "Ser Sempre Jovem" e com um lanche partilhado.

Alberto Jorge Cardoso

chão de couce

NOTÍCIAS

Os 50 Anos do 25 de Abril

Tanto o lar de São Mateus, como o lar de São João Batista, estão a preparar as comemorações dos 50 anos do 25 de Abril de 1974.

Vários utentes contam como era a vida antes do 25 de Abril nas suas terras e como tantas coisas se modificaram depois dessa data.

Estão a fazer um painel come-

VOLTAR AO ÍNDICE

morativo dessa data e a fazer diversas pinturas onde predominam os cravos vermelhos.

Ginástica de Manutenção
Às quintas-feiras durante a manhã, os utentes dos dois lares têm exercício físico de manutenção, dados por um professor de educação física da Câmara Municipal de Góis. Esse dia, é para alguns deles, um dia muito feliz porque se sentem renovados e com mais força para viver.

Tempo Pascal
Desde a Ressurreição de Jesus Cristo, até ao Pentecostes, são 50 dias a que chamamos Tempo Pascal.
O tempo é um tempo de alegria e de esperança. Alegria porque Jesus foi crucificado, mas ressuscitou, está vivo. É também para todos nós, motivo de esperança. Se com Ele vivermos, e com Ele morrermos, com Ele ressuscitaremos.

Antigas Tradições de Caráter Religioso
A Visita Pascal é uma antiga tradição que ainda se mantém em muitas paróquias. Jesus Cristo Ressuscitado visita e abençoa as casas e todos o que nela habitam, no domingo de Páscoa ou nessa semana.
Na nossa paróquia de Alvares, só tem mantido esta tradição cristã, o lugar de Cortes. A visita Pascal no lugar de Cortes teve lugar no passado domingo de Pascoela. Correu tudo muito bem, com muita alegria e muita fé.
Os habitantes de Cortes têm mantido vivas as antigas tradições Cristãs. Assim, em janeiro cantam de porta em porta "Os Reis" e depois fazem um jantar convívio na sede da Comissão de Melhoramentos.
É um dia de muita alegria e fraterno convívio.
No domingo de Ramos todo o povo se junta no "Largo da Eira", onde são benzidos os Ramos e depois vem-se em procissão para a Capela para a Eucaristia ou Celebração da Palavra.
A noite de São João Batista, nosso padroeiro, também é celebrado no "Largo da Eira". Todo o povo se reúne à volta de um mastro construído em honra de São João Batista, e com muita alegria e confraternização se come uma bela e saborosa sardinha ao som do toque das concertinas da terra.
A "Horta dos Santos", tem lugar no dia 1 de novembro, dia de Todos os Santos. Todos os mordomos dos Santos que se veneram na capela reúnem-se no "Largo da Eira", com vários produtos cultivados nas suas hortas, que depois são leiloados. Os produtos desse leilão

e as esmolas que receberam durante o ano são entregues ao tesoureiro da capela, para a sua manutenção. É uma grande ajuda para que a capela esteja sempre linda.
É também nessa noite que se realiza o magusto.

Os Presépios
Os presépios são construídos não só na capela, no lar de São João Batista em muitas casas, mas também, a partir do ano de 2022 em todas as ruas e largos de Cortes, tornando a nossa aldeia a "Aldeia Natal", sendo visitada por muitos turistas.

Visita Pascal no Lugar do Coelhal
Este ano, apenas o lugar do Coelhal, freguesia do Pessegueiro, realizou a visita Pascal no sábado de pascoela. A dona América da Chã de Alvares presidiu à Celebração da Palavra e distribuiu a comunhão na capela às 12 horas. Depois do almoço na sede da Comissão de Melhoramentos, que celebrava o aniversário da sua fundação, teve lugar a visita pascal em todas as casas.
Correu tudo muito bem, com muito respeito, muita fé e muita alegria.

Ministérios Laicais
No dia 14 de abril, cerca de 130 leigos da Diocese de Coimbra, foram receber ou renovar os Ministérios Laicais: Animador das Celebrações Dominicais na ausência de Presbítero, Ministro Extraordinário da Comunhão e Orientador da Celebração das Exéquias na ausência de ministro ordenado. Nesse dia fizeram um breve retiro espiritual no cineteatro do Colégio São Teotónio, iniciado às 10 horas e pelas 13 horas foi servido o almoço no colégio a todos participantes. Às 16 horas foi investidura ou renovação dos ministérios laicais na Sé Nova, sob a presidência do Senhor Dom Virgílio Antunes.
Da nossa freguesia, nove pessoas renovaram os ministérios laicais.

AS NOSSAS FAMÍLIAS

Funerais

No dia 14 de fevereiro faleceu em Lisboa, ***Manuel Filipe, natural de Cortes***, com 98 anos de idade. Foi cremado e as suas cinzas foram colocadas no cemitério de Cortes, após missa pela sua alma, no dia 7 de abril.

No dia 13 de abril, faleceu em Setúbal a ***Sra. Maria Alice Baeta Barata***, com 91 anos de idade e o seu funeral teve lugar no dia 16.

Paz às suas almas e sentidos pêsames às famílias enlutadas.

Padre Ramiro Moreira

NOTÍCIAS

+UNIDADE PASTORAL

Vigília de Oração pelas Vocações

Na passada, quinta-feira, dia 18 de abril, na Igreja Matriz de Santa Eufémia, em Penela, decorreu um momento de oração, organizado pelo Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações e foi presidida pelo nosso Bispo D. Virgílio Antunes.

Foi um momento importante para a Unidade Pastoral, ao ser escolhida para este momento. A igreja de Santa Eufémia, encheu com Jovens e menos jovens. Foi um momento de reflexão muito bom.

VOLTAR AO ÍNDICE

+ESPINHAL

Festa da Vida

No passado domingo, Domingo do Bom Pastor, os cinco jovens do 8.º ano da Catequese do Espinhal, realizaram a sua "Festa da Vida".
Que Deus, nutre a vossa vida com fé, promova caminhos de verdade e felicidade.

+PENELA

Promessas de escuteiros em Podentes

No passado domingo, dia 22 de abril, celebrámos um dia importantíssimo para o Agrupamento 1327 Penela!
Realizámos as nossas promessas e não há nada que nos dê, mais gosto, ânimo e satisfação, do que ver este agrupamento crescer...No domingo, fizeram as suas promessas 5 Lobitas, 4 Exploradores, 3 Pioneiras e 1 Caminheiro.
A atividade das promessas iniciou-se na noite de 19 de abril, para os nossos pioneiros e no sábado, dia 20 de abril, para as restantes secções.
Nesta atividade, em Podentes, aprendemos a importância da união, do vivermos em comunidade, de não estarmos sós, de desenvolver o respeito pela diversidade e de aprender a evitar generalizações precipitadas.
"Sós somos um elemento, juntos somos o Planeta"!
Gostaríamos de agradecer ao Sr. Pe Vitor Pauseiro, por toda a disponibilidade e ajuda pela realização da cerimónia, à Câmara Municipal de Penela/ Município de Penela, à Junta de Freguesia de Podentes, à ACDR de Podentes, e a todas as famílias dos nossos elementos, o nosso MUITO OBRIGADO.
Obrigado a todos pela presença e pela confiança.
Sempre Alerta para Servir!

AGENDA SEMANAL

Quinta-feira, 25 de abril
10h00 : Eucaristia na Igreja Matriz de Santa Eufémia – Penela

Sexta-feira, 26 de abril
18h00 : Eucaristia na Igreja Mariz da Vila do Espinhal
19h30 : Eucaristia na Capela das Grocinas

Sábado, 27 de abril
18h15 : Eucaristia Vespertina na Capela das Taliscas
18h15 : Celebração da Palavra na Capela dos Fetais Cimeiros
18h15 : Celebração da Palavra na Capela de São Sebastião
19h30 : Eucaristia Vespertina na Igreja Matriz de Santa Eufémia – Penela
19h30 : Eucaristia Vespertina na Capela das Cerejeiras
19h30 : Celebração da Palavra na Capela de Santo Amaro

Domingo, 28 de abril – V DOMINGO DA PÁSCOA
09h00 : Eucaristia na Igreja Matriz da Vila do Espinhal
09h00 : Celebração da Palavra na Capela de Viavai
10h30 : Eucaristia na Igreja Matriz do Rabaçal
10h30 : Eucaristia na Igreja Matriz de Podentes
10h30 : Celebração da Palavra na Igreja Matriz da Cumeeira
12h00 : Eucaristia na Igreja Matriz de Santa Eufémia – Penela

Terça-feira, 30 de abril
19h30 : Eucaristia na Capela da Senhora da Glória

Quarta-feira, 1 de maio
19h30 : Eucaristia na Capela das Vendas de Podentes

Quinta-feira, 2 de maio
10h00 : Eucaristia na Igreja Matriz de Santa Eufémia - Penela

Sexta-feira, 3 de maio
21h30 : Reunião de Pais para preparar a Festa da Profissão de Fé – Centro Paroquial de Penela

VOLTAR AO ÍNDICE

NOTÍCIAS

Domingo do Bom Pastor

O 4º domingo de Páscoa é, como bem sabemos, o domingo do Bom Pastor, além de ser também Dia Mundial de Oração pelas Vocações. É motivo para rezarmos por estas duas intenções, e mutas comunidades aproveitam a oportunidade para ter um gesto para com o seu pároco. Foi também o que aconteceu na Eucaristia da igreja paroquial de Castanheira de Pera; no final, um membro da comunidade ofereceu ao pároco um bonito ramo de flores, a que este correspondeu com algumas palavras de agradecimento.

Houve várias fotos desta circunstância, merecendo preferência a que publicamos nesta partilha informativa, por manifestar vários níveis de participação no sacerdócio de Jesus Cristo: o da ordem sacerdotal do presbítero e do diácono, e o do sacerdócio comum dos fiéis. Todos beneficiam do único sacerdócio de Jesus Cristo. Como é belo caminhar para a riqueza e a beleza da comunhão e da participação de todos no Bom Pastor!

Partilha do tema: Quem são todos, todos, todos?

Na sequência de alguns encontros de reflexão e diálogo, foi programado mais um encontro, para aprofundar o tema: Todos, todos, todos... Será às 15h00, no domingo, dia 5 de maio próximo, no anfiteatro do Centro Paroquial de Castanheira de Pera. À luz da afirmação do Papa Francisco, vamos procurar perceber consequências na atuação pastoral. Fundamentalmente, em causa está a confusão que existe em muita gente, da frase que o Papa Francisco pronunciou no santuário de Fátima, e a conclusão, a que pretendem chegar, de que vale tudo!

Festa da Palavra

Vai ter lugar no próximo domingo, às 11h30, na Eucaristia de Castanheira de Pera a celebração da festa da Palavra, com os catequisandos deste grupo. A preparação imediata far-se-á na sexta-feira, dia 26 de abril, pelas 19h, com o ensaio e a celebração do Sacramento da Reconciliação. Na celebração, para além de catequistas, participam igualmente os pais, na entrega da Bíblia aos filhos, diante de toda a comunidade paroquial.

NOTÍCIAS

+ANÇÃ

Paróquia Viva

No dia da oração pelas Vocações Sacerdotais, o velho Prior de Ançã, não se pode queixar da falta de colaboradores; pode queixar-se, sim, da indiferença religiosa da maior parte dos seus paroquianos! Batizam os seus filhos; na maioria, casam pela Igreja, mandam os filhos à Catequese mas, a Eucaristia não conta para muitos, embora, ultimamente, se tenha notado um pequeno aumento de participantes.

No entanto, não nos podemos queixar da falta de colaboradores, antes pelo contrário e a prova disso está no que escrevemos a seguir.

Reunião do Conselho Económico

Na passada terça-feira, reuniu no Centro Paroquial, o renova-

VOLTAR AO ÍNDICE

do Conselho Económico da comunidade. Presentes todos os seus elementos.
O assunto principal era as obras na Capela do Divino Espírito Santo, cujo orçamento, causa "calafrios" numa primeira impressão.

Tais não aconteceram! Depois de ouvirmos a prestação de contas, efectuada pelo nosso Tesoureiro, José Virgílio (Zé Zé), com um saldo que não chega para as obras, o Conselho reagiu da melhor maneira: "vamos a isso!" e, logo ali, surgiram propostas de angariação de fundos, apenas reveladas depois do início das obras. Estamos certos de que, o empenho do Conselho Económico, aliado à devoção do Povo, pelo Divino Espírito Santo, farão com que, as mesmas, sejam uma realidade.

Reunião de Catequistas

No sábado passado, depois da Missa Vespertina, reuniram-se, no Centro Paroquial, um grande número de Catequistas, para resolvermos um conjunto de problemas que ficaram em cima da mesa, na última reunião.
Tal era a consciência que tínhamos da sua resolução que não perdemos tempo em conversas laterais. Assim:
Passeio da Catequese, será no dia 25 de maio, a Fátima, dia há muito tempo marcado, mas só agora concretizado, nos seus mais pequenos pormenores.
Encerramento da Catequese, dia 14 de junho. Há muitos anos que tal não acontecia, pelas mais diversas razões. Agora está marcada uma missa campal, na quinta de Santo António, seguida com uma festinha de comes, bebes e danças
Dia de Oração para os Catequistas, a marcar o mais breve possível, com o catequista Dr. Isaías.
Via Lucis, marcada para o dia 18 de maio, sábado, às 17h, com a participação do grupo de Jovens.

Batismo

Na Missa Paroquial do passado domingo, receberam o Santo Batismo, Matilde Pimenta Dias e Benedita Pimenta Dias, filhas de Nuno Manuel Cordas Fidalgo Dias e de Marta Sofia Lopes Pimenta, residentes na Freguesia de Ramada - Odivelas, mas com raízes em Ançã.
Foram padrinhos da Matilde, Francisco José Pimenta e Joana Patricia Oliveira Alves e da Benedita, João Francisco Cordas Dias e Vanessa Luisa Maleiro Batista.
A Matilde e a Benedita são filhas de um casal cristão, praticante, andando a Matilde, com 7 anos, na Catequese de Ramalda Compartilhamos da alegria esta família.

Primeiro Degrau no Rito de Admissão de Catecúmenos

Também nesta Missa Dominical, fizeram o primeiro degrau, no Rito da Admissão Catecumenal, Francisco e Carla, alunos do quarto ano da catequese, irão fazer a Primeira Comunhão, no dia do Corpo de Deus, mas que ainda não receberam o santo Batismo e, por isso, estão a cumprir o rito da Iniciação Cristã, para crianças com mais de 8 anos.
Foi uma cerimónia muito bonita, ainda pouco usual, na nossa Paróquia.
As crianças estavam acompanhadas de seus pais, o Francisco, seus garantes, a Carla, seus Catequistas e colegas de ano. Foi uma cerimónia comovente, oportunamente farão os Ritos Penitenciais.
Comungamos da alegria destas crianças, suas famílias, catequistas e colegas de ano. Vamos rezar ao Senhor para que continuem esta preparação para o grande dia do seu Batismo e Primeira Comunhão.

Pedra de Ançã, Pedra Património Mundial

De um momento para o outro, Ançã viveu um dia memorável com a notícia de que a sua pedra foi classificada como Pedra Património Mundial.

A Junta de Freguesia tinha feito, oportunamente, esta candidatura, que tinha, como promotora, a Sr.ª Profª Dr.ª Maria Helena Henriques, Diretora do Centro de Geociências da Universidade de Coimbra e que esteve, entre nós, na companhia do Sr. Dr. David Martin Freire, membro do Conselho da IUGS: Heritage Stones da Unesco.

Presentes estiveram a Sr.ª Dr.ª Helena Teodósio, Presidente do Município de Cantanhede, acompanhada do Sr. Vice-Presidente, Dr. Pedro Cardoso, Ançanense "de gema".
Não cabem neste espaço as belas palavras proferidas pelo Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Ançã e as restantes entidades presentes.
É para nós um orgulho, o reconhecimento internacional da Pedra de Ançã como pedra natural que enquanto recurso geológico alcançou uma utilização generalizada na cultura humana.

Presente muito público e representantes das coletividades locais e um artista a trabalhar a Pedra de Ançã.
No final foi servido a todos um Porto de Honra.
Parabéns Sr. Presidente da junta de freguesia de Ançã e todo o seu elenco.

Pe. Manuel de Jesus

NOTÍCIAS

Almoço de Primavera

Realizou-se no passado domingo mais um almoço de angariação de fundos para a construção da nova igreja e Centro Pastoral da Paróquia de São João Baptista, que contou com a presença de cerca de 130 pessoas, entre paroquianos e amigos da causa.
Após a missa dominical, os convivas reuniram-se para degustar uma magnífica refeição preparada carinhosamente por voluntários da paróquia. Para além do valor pago pela refeição, todos contribuíram com a oferta de sobremesas, bebidas, entradas e saladas, naquele que foi mais um animado convívio fraterno e solidário, sempre com o mesmo objetivo: ajudar a erguer a nova Igreja e Centro Pastoral da Paróquia de São João Baptista.
Se quiser ajudar a cumprir o sonho de toda a comunidade da Paróquia de São João Baptista, pode fazê-lo através de um donativo para o NIB da construção do centro paroquial/igreja PT50 0035 0623 00001850130 43, ou participando nas várias iniciativas que vão sendo organizadas.

Fim de Semana Alpha

Um grupo de quase 100 pessoas da nossa Unidade Pastoral participou, nos dias 13 e 14 de abril, no "Fim de Semana Alpha", que se realizou no Seminário de Leiria. Estes dois dias intensos foram uma oportunidade para viver de forma ainda mais profunda a experiência que cada um dos participantes tem feito semanalmente nos dois percursos Alpha que decorrem nas paróquias de S. João Baptista e de S. José.
O "Fim de Semana Alpha" foi uma ocasião para cada um dos participantes viver um en-

contro pessoal com o Espírito Santo, descobrindo-o presente, de forma transformadora, na sua vida. Este foi ainda um momento relevante de empenho e trabalho pastoral conjunto das equipas das duas paróquias, contribuindo para o aprofundamento da comunhão fraterna no seio da nossa Unidade Pastoral.

Lançamento do álbum "Toco o Céu"

Com imensa alegria, a banda Symbiose anuncia o nascimento do primeiro álbum de covers: "Toco o Céu": https://www.youtube.com/@SymbioseOficial
Cada acorde, cada letra, é o fruto de uma jornada de Fé e inspiração, cultivada nos corações dos jovens da igreja de São João Baptista. Neste álbum especial, reunimos sete covers que ganharam vida e significado através da nossa interpretação, numa celebração da música de louvor e do nosso amor pelo serviço ao nosso Senhor Jesus Cristo.
Estamos emocionados para compartilhar estas melodias com todos.
Queremos deixar um agradecimento especial à Banda da Paróquia e à banda do Alpha Portugal por nos inspirarem com a sua música.
Agradecemos também ao Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil por nos dar a oportunidade de partilhar a nossa música ao longo dos anos no Festival Diocesano da Canção.
Esperamos que estas músicas vos ajudem a rezar como ajudam a nós e vos façam Tocar o Céu!

nordeste

NOTÍCIAS

3º Pé Cristo da Unidade Pastoral de Arganil

Momento grandioso foi vivido no passado domingo, com a realização do 3º Pé Cristo da Unidade Pastoral de Arganil.
Foram muitos quantos participaram neste evento. Os participantes saíram das várias localidades que pertencem à Unidade Pastoral de Arganil, envergando uma t-shirt com a cor escolhida para cada local e reuniram-se em frente à Câmara Municipal de Arganil com os paroquianos de Arganil, para, rumo ao Sarzedo, viverem um dos momentos mais bonitos, emocionantes e de Fé presenciados com a mesma vontade a cada ano.

Chegados ao Sarzedo foi celebrada a missa pelo nosso Reitor de Arganil, padre Lucas Pio, responsável por todo este dinamismo que a nossa Paróquia vive.

Após a missa, um momento de convívio, com almoço servido na União Recriativa Sarzedense.

Desejamos que todos os que se envolveram neste momento

VOLTAR AO ÍNDICE

continuem a ser força nas suas paróquias, para que estas continuem vivas!

Batizado do Tiago em Arganil

No passado sábado, realizou-se na Igreja Matriz de Arganil o batizado do Tiago.
Momento de grande importância para o pequeno Tiago, para os seus pais e padrinhos. Este momento foi testemunhado pela família e amigos.
O reitor de Arganil, padre Lucas Pio, embelezou a cerimónia com as suas palavras sábias, revestidas da importância que o momento mereceu. Momento este que vai marcar a vida de quantos estão na vida do Tiago. Ao Tiago e aos seus pais desejamos que continuem no caminho da Fé, alicerçados pelo Cristo vivo, Aquele que nunca nos desampara!

Marta Ramos Mendes

NOTÍCIAS

Promessas dos Escuteiros

O fim de semana foi de festa para o 880!
No dia 19 realizou-se a vigília que nos preparou para o dia do compromisso, o dia da promessa!

Já no dia 20 foi com enorme alegria que vimos alguns dos nossos irmãos escutas realizarem a sua promessa. Destacamos um momento especial, a promessa do dirigente Marco Costa que também é Catequista na Paróquia de Oliveira do Hospital. Contamos agora com mais um dirigente investido no corpo de dirigentes do nosso agrupamento.

O dia terminou com o já habitual lanche partilhado, no Parque do Mandanelho.
880 - NINGUÉM NOS AGUENTA!

CPM - Oliveira do Hospital
Encontro de Noivos

No passado fim de semana, o Centro de Preparação para o Matrimónio de Oliveira do Hospital viveu com entusiasmo o encontro com os noivos que estão a fazer a sua caminhada na alegria de Cristo.
Os jovens casais refletiram e dialogaram sobre as suas ideias e comportamentos, apoiados pelos casais da equipa que se preparam através da revisão de vida e encontros mensais para dar testemunho vivencial aos noivos que Deus lhes coloca no caminho.
Alicerçado na escuta e na partilha, o encontro reuniu noivos especialmente participativos e disponíveis que se acredita possam vivenciar a alegria do Matrimónio e responder aos atuais desafios da Família.
Muitas felicidades para todos!

VOLTAR AO ÍNDICE

Festa da Vida

Celebrámos a festa da vida dos adolescentes do 8.º ano da Paróquia de Oliveira do Hospital, que sonham com uma vida feliz e realizada. São muitos os caminhos que podem percorrer, mas hoje querem optar pela vida que está em Cristo. Que como comunidade cristã os ajudemos a nunca desistirem de aspirar a uma vida cheia de paz e de amor.
Para fazermos festa não precisamos de muito, precisamos dos motivos certos.

O encontro com os amigos já é motivação mais que suficiente para nos alegrarmos, para louvar e agradecer ao Senhor da Vida que nos juntou e nos desafia a tornarmos o mundo melhor.

Este grupo do 8 ano celebrou a alegria de crescermos juntos.
O ambiente foi de alegria e convívio entre filhos e Pais.

Senhor, quando estás por perto enfrentamos os desafios da vida com mais confiança.
Obrigada por ficares sempre por perto!

Marta Vieira

VOLTAR AO ÍNDICE

O grande espaço diocesano de reflexão partilhada
a partir da fé sobre os acontecimentos eclesiais,
a vida das comunidades e a cultura atual.